



ASPEN NETWORK
OF DEVELOPMENT
ENTREPRENEURS

aspen institute

Investimentos de Impacto no Brasil 2020

Fevereiro 2022

REALIZAÇÃO

Aspen Network of Development Entrepreneurs



A Aspen Network of Development Entrepreneurs (ANDE) é uma rede global de organizações que impulsiona o empreendedorismo em economias em desenvolvimento. Os membros da ANDE fornecem importantes serviços de apoio financeiro e não financeiro às Pequenas Empresas em Crescimento (*Small and Growing Businesses* – SGB, em inglês), com base na convicção de que elas podem gerar empregos, estimular o crescimento econômico de longo prazo e produzir benefícios ambientais e sociais.

VISITE WWW.ANDEGLOBAL.ORG
PARA MAIS INFORMAÇÕES.

PARCEIROS ESTRATÉGICOS



APOIO



COORDENAÇÃO E ANÁLISE

Pipe.Labo



A pesquisa e a inteligência na leitura de dados e cenários são nossa vocação. A Pipe.Social nasceu de uma pesquisa sobre negócios de impacto em educação e se lançou para o mercado com o primeiro Mapa de Negócios de Impacto Social+Ambiental e a vitrine de negócios Pipe.Social. Desde 2016, estamos desenvolvendo diversos estudos sobre o setor de impacto socioambiental no Brasil, publicando mapeamentos, desenvolvendo taxonomias e ferramentas para apoiar o ecossistema e o empreendedor em sua jornada. Com muito orgulho, nos tornamos referência sobre o setor no país e consolidamos a Pipe.Labo, um centro de estudos e conhecimento aplicado sobre o mercado de impacto socioambiental no Brasil.

CONHEÇA OUTROS ESTUDOS NO WWW.PIPELABO.COM

Créditos



Equipe & Agradecimentos:

Realização ANDE:

Bruno Peixinho e Cecília Zanotti

Coordenação e análise:

Lívia Hollerbach, Mariana Fonseca e Pedro Hércules

Análise Estatística: Opinion Box

Desk Research: João Miller

Design: Thais Erre

Revisão de Dados: André de Carvalho

Agradecimentos especiais ao comitê técnico e aos especialistas que nos apoiaram na elaboração do instrumento, na coleta de dados e no relatório: Barbara Demetrio,

Beto Scretas, Caio Monaco, Fernanda Camargo, Gilberto Ribeiro, Célia Cruz, Guilherme Karam, Gustavo Pinheiro, Laís César, Rebeca Lima



Agradecimentos aos investidores participantes:

Antera Gestão de Recursos • Banco do Nordeste • Bemtevi Investimento Social • Bossa Nova • Din4mo Ventures • EcoEnterprises Fund • Finep • Fundo Vale • GAG Investimentos • GEF Capital Partners • Good Karma Ventures • ICE • Imaginable Futures • IN3 • Instituto Conexões Sustentáveis (Conexsus) • International Finance Corporation (IFC) • Kaeté Investimentos • KPTL • Lightrock • Marrakesh • Mirova Natural Capital – Amazon Biodiversity Fund • MOV Investimentos • NESST • Potencia Ventures • Positive Ventures • Quona Capital • Redpoint eventures • Rise Ventures • SITAWI Finanças do Bem • Synthase Impact Ventures • Turim MFO • Vinci Partners • Vox Capital • X8 Investimentos • WE Impact • Yunus Social Business Brasil

E aos demais respondentes.

Carta aos leitores

Desde 2014, a Aspen Network of Development Entrepreneurs (ANDE) publica os resultados da pesquisa sobre investimentos de impacto no Brasil e na América Latina. São eles: Brasil, até 2013; e América Latina, 2014–2015, 2016–2017 e 2018–2019. A partir deste relatório, com dados de 2020, em consonância com as recomendações da Aliança pelos Investimentos e Negócios de Impacto de acompanhar o setor anualmente até 2025, a publicação brasileira passa a ser anual.

Esta edição inova ao trazer dados de dois temas prioritários para a ANDE: igualdade de gênero e ação climática e ambiental no setor empreendedor. Pela primeira vez, perguntamos aos investidores a composição de seus conselhos, suas lideranças (cargos de gerência para cima) e a liderança das empresas de seus portfólios, em relação a gênero e à raça, e se possuem políticas de equidade. Inserimos, também, uma questão sobre tecnologias verdes — pedindo para que detalhassem os investimentos em subsetores desta categoria; além de perguntar se eles fazem gestão de riscos e oportunidades climáticas e se mensuram as emissões de gases de efeito estufa associadas ao portfólio de investimento.

É um prazer para a ANDE ajudar a registrar e revelar esses dados no Brasil, evidenciando nítido crescimento de volume investido e transações, e mostrar que ainda há muito, mas muito mesmo, a fazer para que mais mulheres e pessoas negras ocupem cargos de liderança nas empresas investidoras, mais empreendedoras e pessoas negras acessem capital e para que nossa economia se torne de fato cada vez mais verde.

Um agradecimento especial aos parceiros que viabilizaram com recursos financeiros a realização da pesquisa: Instituto Clima e Sociedade, Instituto de Cidadania Empresarial e Fundação Grupo Boticário. E à Pipe.Labo, executor técnico, que se configura como uma Pequena Empresa em Crescimento (*Small and Growing Business* no conceito usado pela ANDE) e fundada e liderada por mulheres.

Cecilia Zanotti

Head da ANDE Brasil

Sumário

1 • Metodologia & Amostra	05
2 • Introdução	07
3 • Retrato 2020	08
3.1 • Visão Geral	08
4 • Investidores	12
4.1 • Perfil dos investidores	12
4.2 • Visão de impacto	16
4.3 • Perfil de captação	21
5 • Investimentos	24
5.1 • O que buscam	24
5.2 • Como investem	28
6 • Tendências	33
6.1 • Impactos da Pandemia	33
6.2 • Oportunidades de Mercado	36
7 • Principais aprendizados	42
8 • Referências	44



1 Metodologia & Amostra

Este relatório foi publicado com base em respostas a um questionário online construído com referências de estudos produzidos pela Aspen Network of Development Entrepreneurs (ANDE) e pela Global Impact Investing Network (GIIN) sobre negócios e investimentos de impacto.

Ao todo, 202 investidores brasileiros e estrangeiros foram convidados a responder a cerca de 90 perguntas sobre suas organizações e práticas de investimentos de impacto, contando que declarassem ter mantido sob gestão, em 2020, **investimentos de impacto** no Brasil.

AMOSTRA



47

38

47 investidores responderam à pesquisa, sendo que **38 investidores tinham ativos sob gestão (Assets Under Management, AUM) durante o ano de 2020** dedicados a investimentos de impacto no Brasil.

DESK RESEARCH & ENTREVISTAS QUALITATIVAS



Foram buscados dados secundários de pesquisas nacionais e internacionais do setor de investimentos de impacto e de investimentos em geral, assim como dados macroeconômicos que amparam, quando pertinentes, algumas das análises contidas neste relatório e a contextualização das informações apresentadas. Com o mesmo intuito, foram consultados especialistas nacionais que pudessem qualificar nossas análises, aos quais agradecemos na introdução deste estudo.

CAMPO



Os dados foram coletados on-line durante o segundo semestre de 2021, de forma voluntária e autodeclarada, em inglês e português, com perguntas abertas, fechadas, obrigatórias e não obrigatórias. Todas as perguntas que incluíam valores monetários foram adaptadas para dólares americanos (USD) no questionário em inglês.

INVESTIMENTOS DE IMPACTO

Nesta pesquisa, o termo “investimentos de impacto” diz respeito somente àqueles investimentos que cumprem as seguintes condições:

- + São investimentos diretos em empresas.
- + Têm um determinado impacto ambiental ou social como objetivo explícito.
- + Têm uma expectativa de retorno financeiro.
- + São operações de, no mínimo, USD 4.400,00 ou R\$ 22.000,00.



Considerações para leitura dos dados

- + A maioria dos respondentes forneceu informações em reais (BRL). Alguns optaram por fornecê-las em dólares americanos (USD). Para a computação dos dados, as conversões dos ativos sob gestão no fim de ano foram feitas pela cotação oficial do Banco Central do Brasil – 31 de dezembro – de cada ano de referência. Para conversões de dados de Volumes de Investimentos foram consideradas as cotações médias dos anos de referência, conforme dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).
- + Consideramos *outliers* os respondentes que indicaram realizar diretamente operações de microcrédito. Embora haja consenso que negócios de microcrédito sejam negócios de impacto, há uma zona cinzenta apontada pelo comitê técnico no que diz respeito à definição de quem são os investidores em negócios de impacto em tais casos: as próprias instituições que fazem empréstimos ou somente os investidores dessas instituições. Esse grupo de *outliers* tem características diferentes do grupo geral e representa 62% dos ativos sob gestão reportados. Quando relevante, os dados serão apresentados separando as respostas entre investidores e *outliers*.
- + Detalhamentos de *deals* e *exits* não foram suficientes para uma análise mais segmentada (apenas nove respondentes).
- + Algumas perguntas eram apenas de resposta única, outras permitiam múltiplas respostas. Por isso, alguns gráficos somam 100% e outros não.

GLÓSSÁRIO RÁPIDO

Ativos sob gestão (Assets Under Management, AUM): é o valor de mercado total dos ativos que uma companhia de investimentos administra

Carteira ou Portfólio de investimentos: é o conjunto de ativos financeiros em que determinado investidor aplicou seus recursos sob gestão. Pode incluir, por exemplo, participações acionárias em negócios de impacto ou empréstimos

Deals: quer dizer negócios fechados, transações realizadas

Exits: ou saída é o momento no qual o investidor sai de uma empresa, obtendo desta forma retorno financeiro

ESG (Environmental, Social, and Corporate Governance): (ambiental, social e governança, em português), *framework* ou critérios geralmente usados para medir as práticas ambientais, sociais e de governança de uma empresa.

Indivíduos de alto patrimônio líquido (HNWI): termo usado para designar pessoas cuja riqueza investi-

vel (ativos como ações e títulos) excede um determinado valor – normalmente, superior a um milhão de dólares.

Outliers: termo utilizado em análises de dados, que designa um determinado grupo com características particulares, que os diferencia do restante da amostra. Nesta pesquisa, foram considerados *Outliers* os investidores de impacto que realizam diretamente operações de microcrédito, conforme explicado na Metodologia acima.

Retornos de mercado, ajustados ao risco: investidores que esperam obter esse tipo de retorno, buscam ser remunerados conforme o risco tomado em determinado investimento, com maiores expectativas de retorno para investimentos mais arriscados. Isso implica, por exemplo, que os juros cobrados para um empréstimo para uma empresa pequena sejam maiores do que aqueles que seriam cobrados de uma outra maior.

Venture Philanthropy: a filantropia de risco é um tipo de investimento que utiliza conceitos e técnicas do financiamento de capital de risco e gerenciamento de negócios e os aplica para alcançar fins filantrópicos, a fim de prover às soluções de impacto socioambiental não apenas recursos financeiros, mas também técnicos e gerenciais.



2 Introdução

Estimar o tamanho de um mercado é um desafio com o qual os empreendedores se deparam com frequência, na hora de buscarem convencer potenciais investidores de que seu negócio pode crescer e – se estiverem conversando com investidores de impacto – resolver problemas sociais e ambientais relevantes. Da mesma forma, é com esse desafio que esta pesquisa se depara. Partindo da convicção da Aspen Network of Development Entrepreneurs (ANDE) de que “os empreendedores e seus negócios são uma peça crítica do desenvolvimento social e econômico, local e globalmente” e de que o acesso a capital é um dos fatores determinantes do sucesso dessas iniciativas, este estudo foi a campo com o intuito de determinar o tamanho atual desse mercado no Brasil, suas características, perspectivas e seus desafios.

O trabalho de rastrear e medir o cenário do investimento de impacto é um enorme desafio. Tanto que o primeiro estudo rigoroso estimando o tamanho do mercado global de investimento de impacto - o relatório da Global Impact Investing Network intitulado “*Sizing the Impact Investing Market*” - foi publicado em abril de 2019. A ANDE abordou esse desafio de frente, analisando as principais tendências do mercado na área de investimento de impacto na América Latina desde 2013, e continuou a expandir sua amostragem e refinar sua metodologia. Na esteira desses esforços, este estudo busca aprofundar a investigação, olhando exclusivamente para o mercado nacional, com mais perguntas e dados, combinando comparativos internacionais, critérios e taxonomias próprios desenvolvidos por aqui.

Por fim, não poderíamos deixar de reconhecer os enormes desafios apresentados nos últimos dois anos, a partir de 2020 – ano de recorte deste estudo. O maior, evidentemente, foi o alastramento da pandemia da covid-19 pelo globo, que deixou ainda mais clara a importância de negócios de impacto e do terceiro setor para lidar com os desafios do século XXI. Não por acaso, vimos a sigla ESG (*Environmental, Social, and Corporate Governance*) ganhar espaço em diversos meios – de conferências de investimentos a grandes veículos de comunicação.

Nesse cenário, 2020 foi ainda um ano repleto de desafios para a economia brasileira e os negócios aqui instalados, que podem ser resumidos em dois dados: o pequeno crescimento do IBOVES-PA (3%, após sucessivos anos de alta) e mais um movimento de alta no desemprego (13,5%, a maior da série histórica iniciada em 2012), que já estava em patamares historicamente altos antes.

Apesar dos desafios, o que esta pesquisa apresenta é um setor em crescimento, que aumentou seus investimentos e se aprimorou diante das incertezas. Aos investidores, que seguem tomando risco e acreditando nos negócios de impacto brasileiros, nosso muito obrigado.





3 Retrato 2020

3.1 Visão Geral

O relatório Investimentos de Impacto no Brasil 2020, da Aspen Network of Development Entrepreneurs (ANDE), traz o cenário mais atualizado do mercado a partir de conversas com **47 investidores que investem no Brasil, das quais 38 tinham ativos sob gestão** (AUM - Assets Under Management) investidos ou para investimento em negócios de impacto, no Brasil, em 2020.

A boa notícia é que os dados gerais apontam um mercado aquecido e que vem crescendo nos últimos anos em número de investidores, volume de ativos sob gestão, quantidade de *deals* e *exits*.

Todos esses índices cresceram com relação aos relatórios anteriores da ANDE e de demais atores do setor, assim como em relação aos dados reportados neste mesmo estudo, referentes à uma série histórica do investidor.

Também há aqui, pela primeira vez, análises de alguns indicadores e cruzamentos de informação que ainda não tinham sido realizados à luz dos dados do país e que esperamos que possam ajudar a melhor caracterizar o setor e ajudar na compreensão do estado do mercado de investimentos de impacto no Brasil.

ARTE GERAL 3.1.1

PERFIL GERAL

Conversamos com **47 investidores que investem no Brasil; desses, 38 tinham ativos sob gestão (AUM)** investidos ou para investimento em negócios de impacto, no Brasil, em 2020; e **35 reportaram os valores de suas carteiras**.

País Sede sediados no exterior



Ativos sob gestão



R\$ 11,5 bilhões

voltados para investimentos de impacto no Brasil com *outliers* (incluindo operadores de microcrédito)



R\$ 4,4 bilhões

na amostra sem *outliers* (excluindo operadores de microcrédito)



Exits

14 saídas (exits)

realizadas por **9 investidores**, num total de



R\$ 22 milhões



Deals



R\$ 13,1 bilhões

em *deals* (incluindo operações de microcrédito)



R\$ 1 bilhão

sem *outliers*, no total de 183 investimentos (*deals*) realizados por 30 investidores



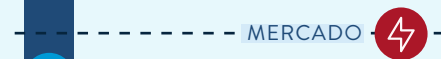
Expectativa de Retorno



27 buscam retornos de mercado, ajustados ao risco



11 buscam retornos abaixo dos de mercado

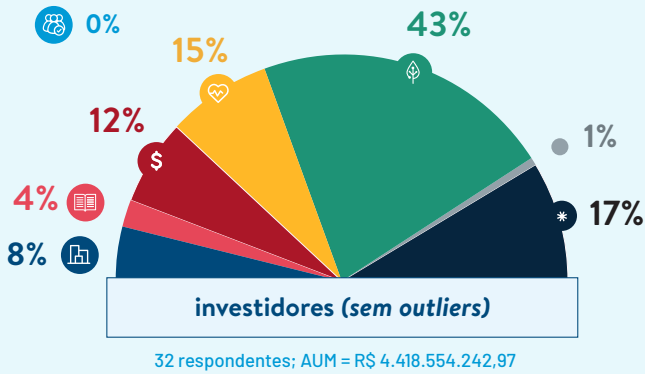




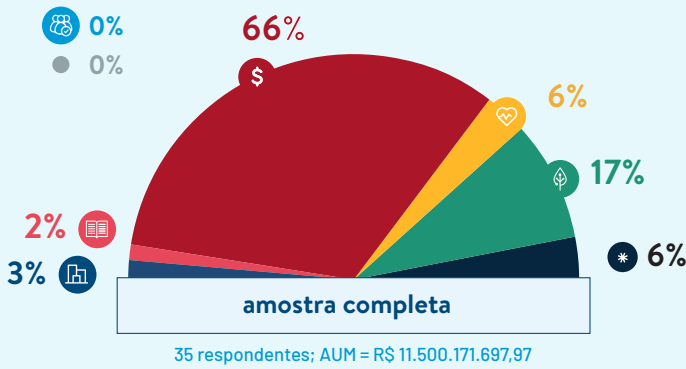
ARTE GERAL 3.1.1 (CONTINUAÇÃO)

A QUEBRA DA CARTEIRA DE INVESTIMENTOS POR SETOR

Capital investido em cada setor

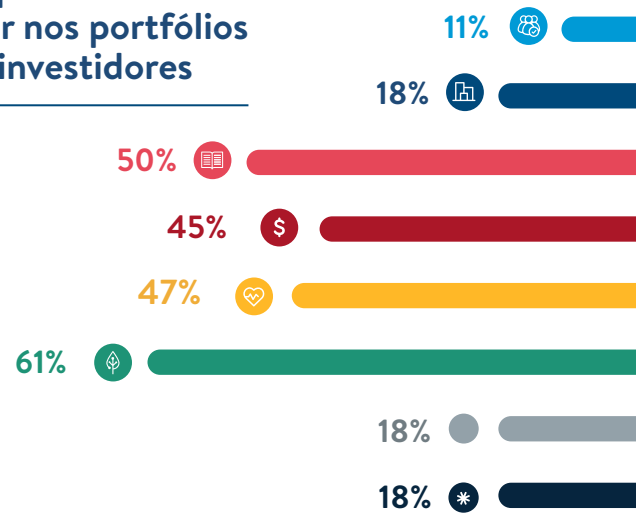


- LEGENDA**
- Cidadania / Civic Tech
 - Cidades / Smart Cities
 - Educação / Edtech
 - Finanças / Fintech
 - Saúde / Health tech
 - Tecnologias Verdes / Green Tech
 - Não alocado / Não integralizado
 - Outros

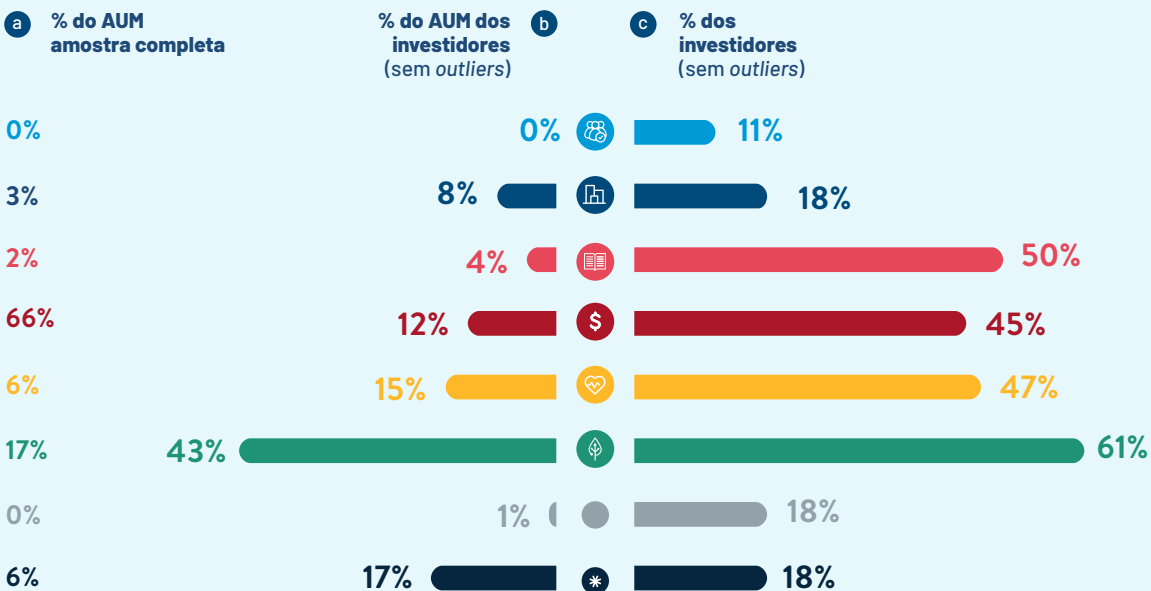


Frequência do setor nos portfólios dos investidores

base 38



Capital investido em cada setor X Frequência do setor nos portfólios dos investidores



Nota:

Lista lateral: considerando o percentual combinado (investidores e outliers) da amostra (base AUM = R\$ 11.500.171.697,97).

Coluna da esquerda: percentual do AUM excluindo os outliers; base AUM = R\$ 4.418.554.242,97.

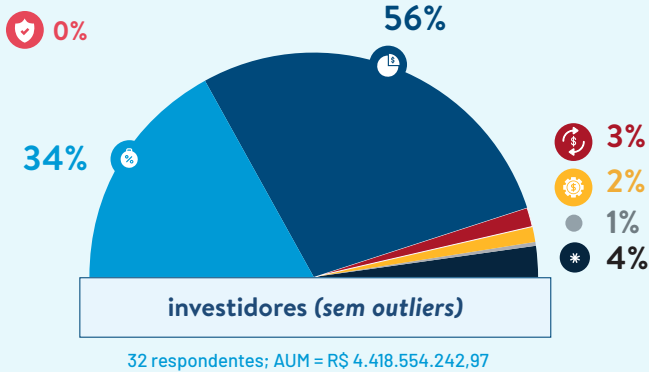
Coluna da direita: percentual dos investidores que têm algum investimento alocado em cada um dos setores; base = 38; os investidores podem alocar em mais de um setor.



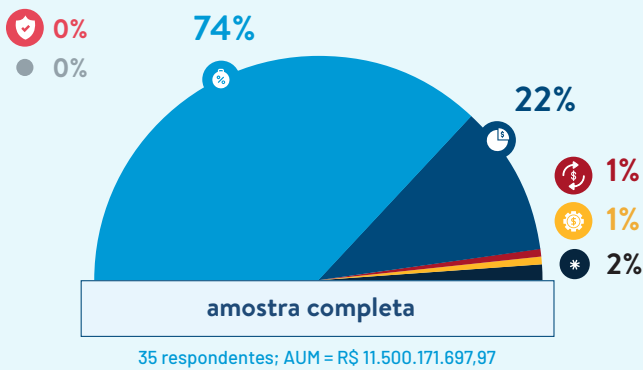
ARTE GERAL 3.1.1 (CONTINUAÇÃO)

A QUEBRA DA CARTEIRA DE INVESTIMENTOS POR MECANISMO

Capital investido em cada instrumento

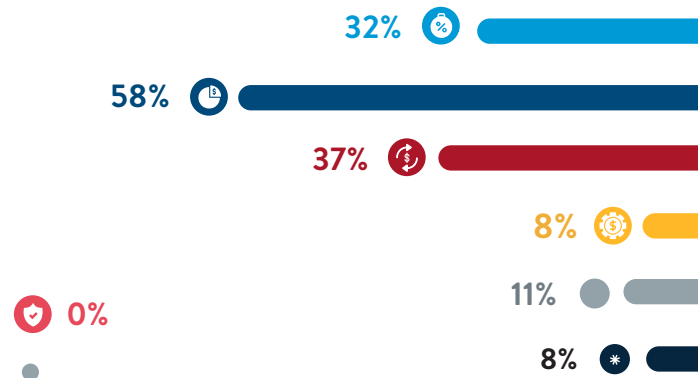


- LEGENDA**
- Dívida
 - Participação Acionária (Equity)
 - Garantias
 - Dívida Conversível
 - Outros quasi-equity (ex.: venture debt, dívida mezanino)
 - Não alocado / Não integralizado
 - Outros

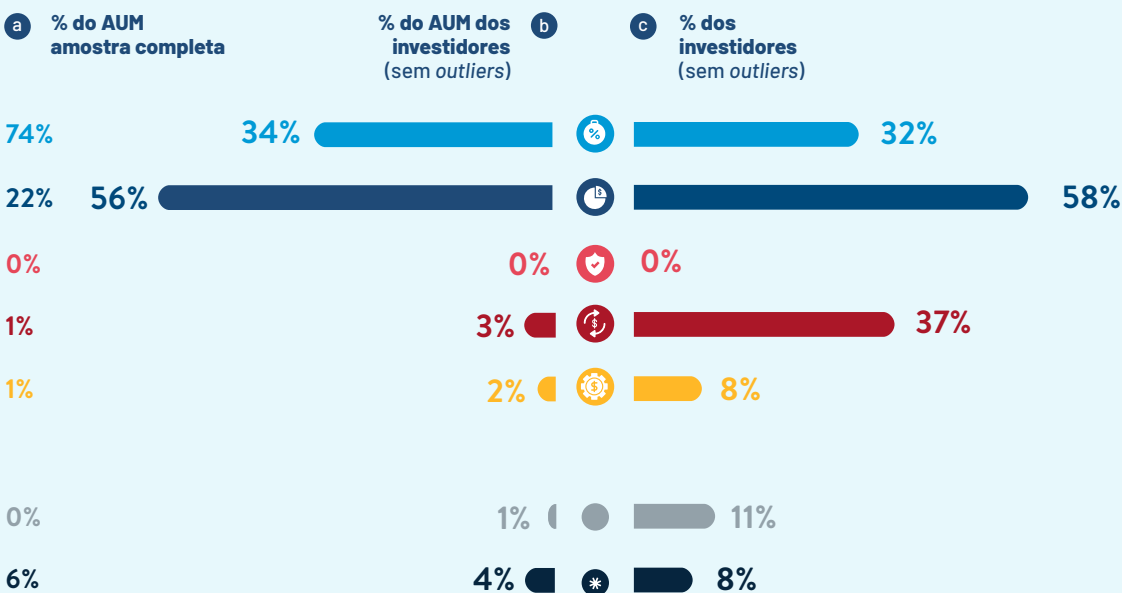


Frequência dos instrumentos nos portfólios dos investidores

base 38



Capital investido em cada instrumento x Frequência dos instrumentos nos portfólios dos investidores



Nota:

Lista lateral: considerando o percentual combinado (investidores e outliers) da amostra (base AUM = R\$ 11.500.171.697,97).

Coluna da esquerda: percentual do AUM excluindo os outliers; base AUM = R\$ 4.418.554.242,97.

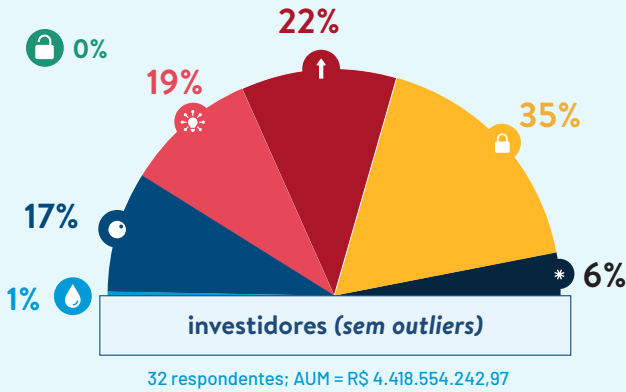
Coluna da direita: percentual dos investidores que têm algum investimento alocado em cada um dos instrumentos financeiros; base = 38; os investidores podem alocar em mais de um tipo de instrumento.



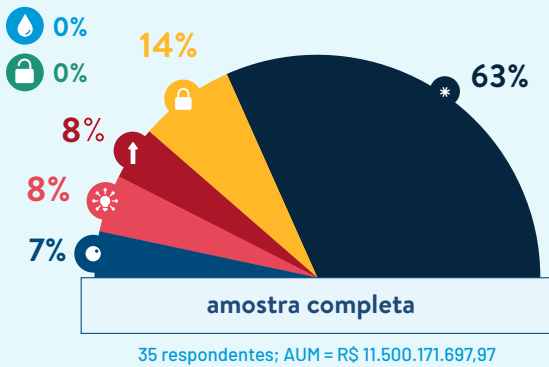
ARTE GERAL 3.1.1 (CONTINUAÇÃO)

A QUEBRA DA CARTEIRA POR ESTÁGIO DE DESENVOLVIMENTO DOS NEGÓCIOS DE IMPACTO

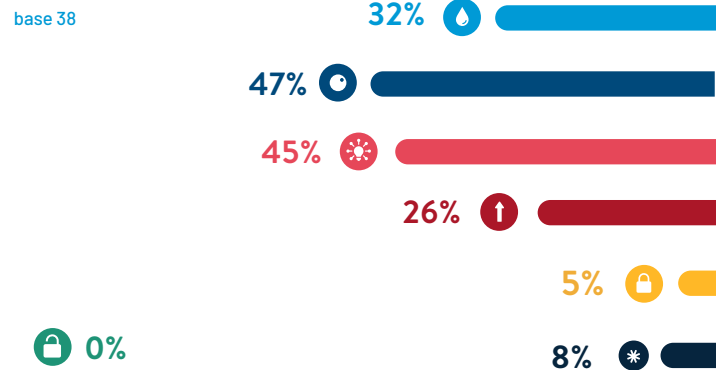
Capital investido em cada estágio



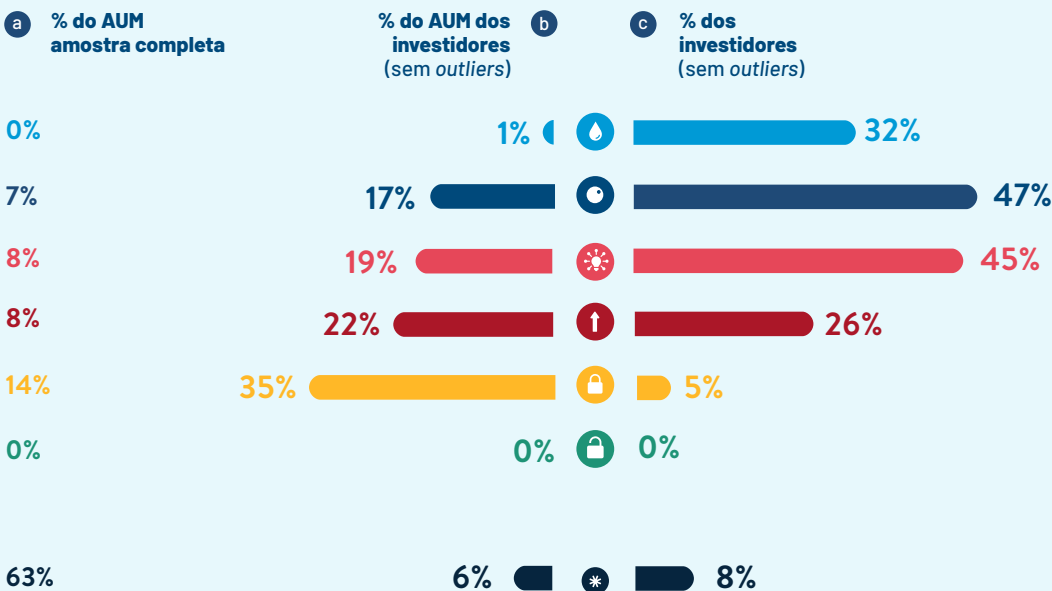
- LEGENDA**
- Pré-semente (50k a 500k)
 - Semente (500k a 5M)
 - Estágio de Venture (5M a 20M)
 - Escala / Growth (20M a 50M)
 - Empresas maduras privadas
 - Empresas maduras de capital aberto
 - Outros



frequência dos estágios nos portfólios dos investidores



Capital investido em cada estágio X frequência dos estágios nos portfólios dos investidores



Nota:

Lista lateral: considerando o percentual combinado (investidores e outliers) da amostra (base AUM = R\$ 11.500.171.697,97).

Coluna da esquerda: percentual do AUM excluindo os outliers; base AUM = R\$ 4.418.554.242,97.

Coluna da direita: percentual dos investidores que têm algum investimento alocado em cada um dos estágios; base = 38; os investidores podem alocar em mais de um tipo de estágio..



4 Investidores

O relatório nasceu da análise de conversas com 47 investidores sediados no Brasil e no exterior, que responderam à pesquisa inicialmente, sendo que **38 deles tinham ativos sob gestão (Assets Under Management, AUM) para investimento em negócios de impacto, no Brasil, em 2020.**

Juntos, esses investidores somaram:



Ativos sob gestão
TOTAL: R\$ R\$ 11.500.171.697,97
ou **US\$ \$ 2.212.975.741,16**

Ativos sob gestão - sem outliers:
R\$ 4.418.554.242,97
e **US\$ 850.261.509,78**

Ativos sob gestão - dos outliers:
R\$ 7.081.617.455,00 e
US\$ 1.362.714.231,37

base 35

Neste bloco, buscamos traçar um perfil desses investidores quanto às suas características de constituição, localização, gestão de negócio, posicionamento e visão de impacto. Além disso, olhamos para seus processos de captação e a visão de seus investidores finais – que aportam recursos nas organizações respondentes para serem investidos em negócios de impacto por meio delas.

4.1 Perfil dos investidores (Arte 4.1.1)

Dos 38 investidores com ativos sob gestão em 2020, 28 são investidores com sede no Brasil e 10 com sede no exterior.

A maioria dos respondentes é constituída por gestoras de recursos com fins lucrativos e um posicionamento de mercado fortalecido, especialmente no Brasil, nos últimos anos, com o surgimento contínuo de novas gestoras e um desejo de se posicionarem próximas à definição nacional de negócios de impacto que visam a alcançar, ao mesmo tempo, retornos sobre seus investimentos e resultados de impacto socioambiental positivo. Para análise, vale pontuar que as gestoras com fins lucrativos também são maioria entre os investidores com sede no exterior; a principal variação da amostra é que não há, entre eles, instituições financeiras.

O desejo dos investidores de se posicionarem próximos à lógica de mercado aparece também quando avaliamos a visão de retorno sobre seus investimentos. A maioria dos respondentes visa a retornos de mercado ajustados ao risco, sem esperar retornos inferiores por se tratar de investimentos de impacto. Essa maioria se verifica tanto na frequência da amostra, 27 (que visam a retornos de mercado ajustados ao risco) contra 11 investidores (que visam a retornos abaixo dos de mercado), assim como no volume de ativos sob gestão disponível, R\$ 11,4 bilhões contra R\$ 93,3 milhões.

Muitos dos investidores que fizeram seus primeiros investimentos no país nos últimos 10 anos fortalecem essa visão. Entre os sediados no Brasil, temos um salto de seis investidores com investimentos iniciais, até 2010, para 21 com investimentos iniciais entre 2011 e 2020. Uma visão positiva



de um mercado em desenvolvimento e tracionando. Entre os estrangeiros, o número varia menos: quatro investiram pela primeira vez até 2010, e seis nos anos seguintes.

Microcrédito

Durante a análise deste estudo, como explicado na metodologia, isolamos os dados dos chamados *outliers* da amostra, ou seja, os três investidores que realizam operações de microcrédito. Desses, dois fazem operações e não investem em terceiros que também fazem microcrédito; um, além de fazer, investe em quem faz. O volume de recursos sob gestão desses três *outliers* somou R\$ 7,1 bilhões de reais, em 2020.



Agenda 2030 da ONU

A maioria, 82% da amostra total de respondentes, usa os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)

da Agenda 2030 da ONU como norte para seus investimentos de impacto. Esse cenário é comum entre os investidores com sede no Brasil e no exterior.

No geral, entre os ODSs mais adotados pelos investidores estão: ODS 10, redução das desigualdades (52%); ODS 3, saúde e bem-estar (48%); e ODS 13, ação contra a mudança global do clima (45%). No outro extremo, está o ODS 16, paz, justiça e instituições eficazes, com 0% de interesse para investimentos.

No comparativo Brasil e exterior, podemos ver um maior alinhamento dos investidores com sede local com as temáticas de saúde (6 em cada 10), educação (5 em cada 10) e redução das desigualdades (5 em cada 10). Já os estrangeiros olham mais para a erradicação da pobreza (7 dos 10), fome zero e agricultura sustentável (6 dos 10) e ação contra a mudança global do clima (6 dos 10).

ARTE 4.1.1

PERFIL GERAL

Onde Estão



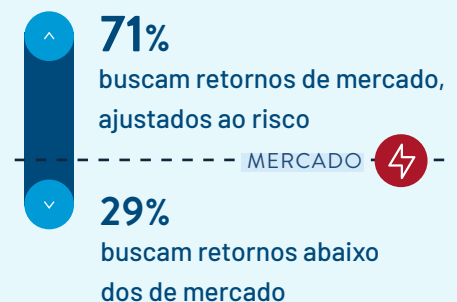
Tipos de investidores

(base 38)



* Outros correspondem a *venture builders*, negócios sociais que não distribuem lucro, empresas públicas e privadas.

Expectativa de Retorno

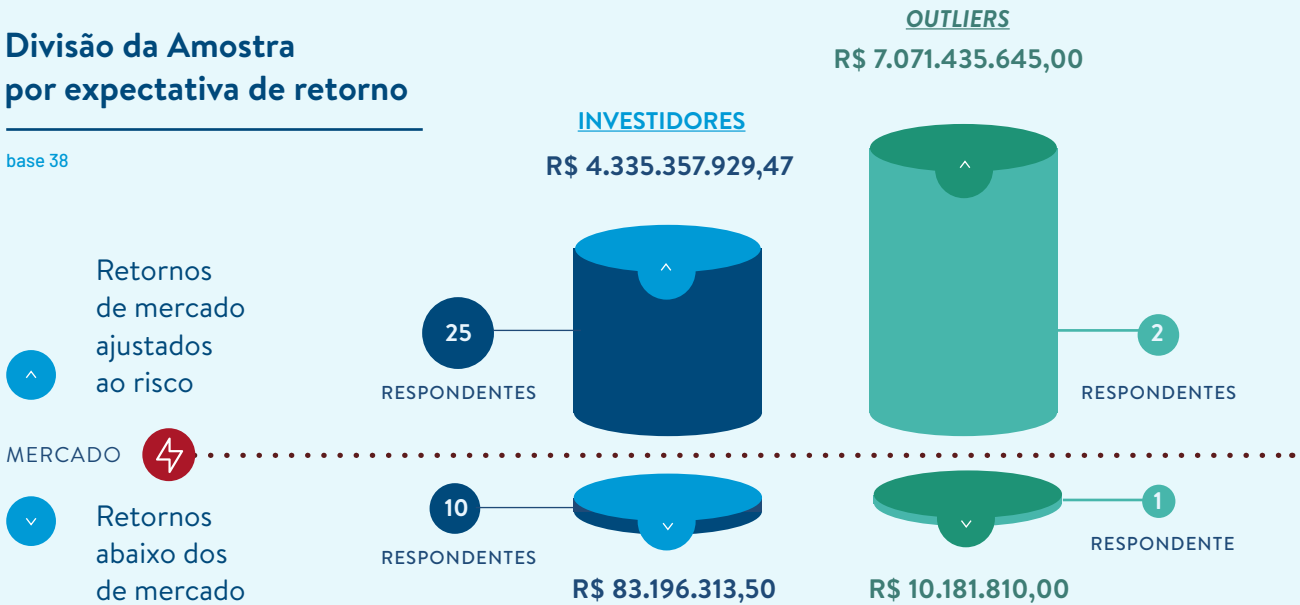




ARTE 4.1.1 (CONTINUAÇÃO)

Divisão da Amostra por expectativa de retorno

base 38



Ano do primeiro investimento no Brasil

base 37



Relação dos investidores com o mercado de microcrédito brasileiro

base 38



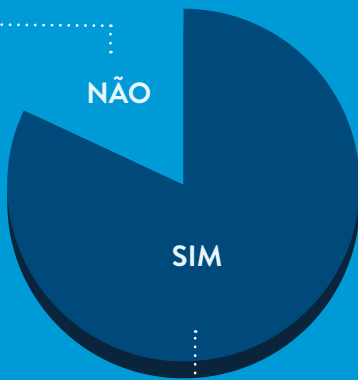


ARTE 4.1.1 (CONTINUAÇÃO)

Estratégia de investimentos de impacto explicitamente alinhada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas

base 38

18%
não estão alinhados com a agenda



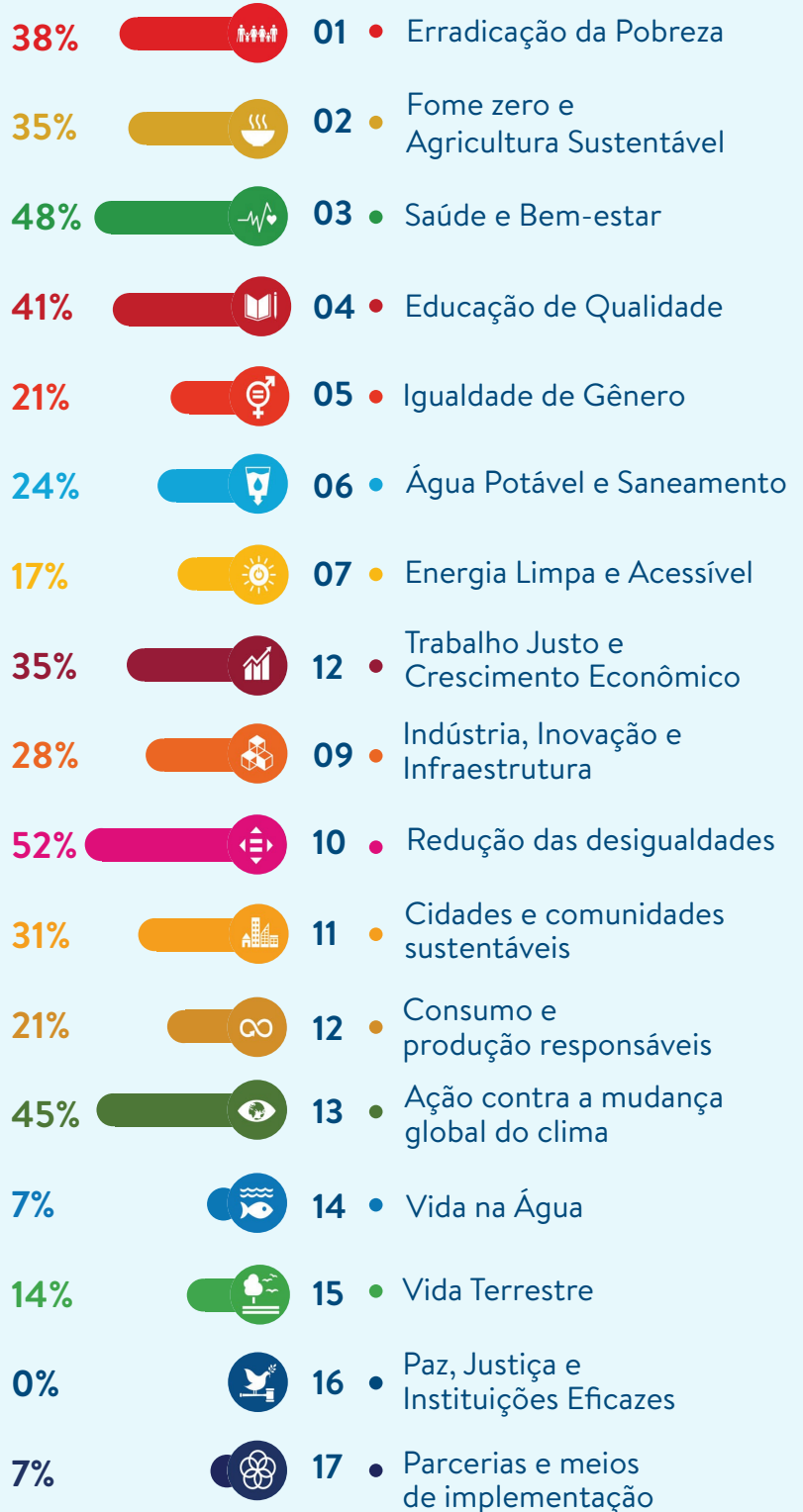
82%
sim, estão alinhados com essa agenda

OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - ONU



No geral, os investidores que se alinham à Agenda 2030 atuam em:

base 38





4.2 Visão de impacto (Arte 4.2.1)

Um dado positivo são os $\frac{3}{4}$ dos investidores que mensuram o impacto de todas ou da maioria das suas iniciativas. O último relatório ANDE 2018-2019 reporta metade da amostra mensurando impacto (52%). Entre os investidores sediados no Brasil, $\frac{2}{3}$ medem o impacto da totalidade ou de parte do portfólio de investimentos. Já os com sede no exterior, nove dos 10 medem o impacto de todas as suas investidas. O desafio de mensurar impacto é um dos mais mencionados pelos respondentes (bloco 6), o que poderia explicar, em parte, o volume de 26% do total dos investidores que afirmam não medir o impacto de suas iniciativas.

No geral, quanto às ferramentas de mensurar impacto, 59% dos investidores marcaram a opção “outras”. Desses, a maioria menciona utilizar ferramentas próprias de mensuração. Em seguida, 56% mencionam a Teoria de Mudança como opção – metodologia que demanda uma construção específica e customizada por negócio investido.

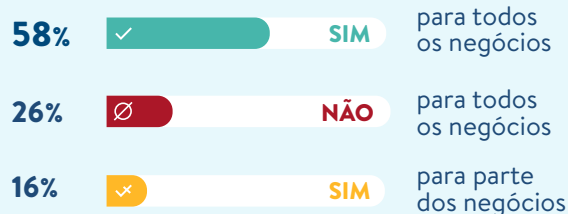
A relativa baixa adoção de ferramentas padronizadas é um dado conhecido do mercado nacional de negócios de impacto: muitos negócios ainda estão em estágios iniciais de desenvolvimento e não conseguem cumprir métricas ou requisitos de ferramentas mais robustas e padronizadas usadas para medir impacto em grandes empresas. Há, também, o desafio de se adaptar as metodologias para a inovação e especificidade das soluções, além da constante mutação de certos negócios, ainda jovens, em estágio de startup. Muitas dessas observações aparecem no bloco 6 deste relatório em que são apontados desafios e tendências de mercado.

Os desafios de mensuração de impacto, já bem conhecidos no mercado nacional, passam pelos custos de se monitorar com qualidade as evidências. Por isso, é interessante observar como, no geral, empreendedores e investidores respondentes dividem a conta desse processo na maior parte dos casos (44% e 56%, respectivamente). Já olhando investidores sediados no Brasil, 6 em cada 10 respondentes apontam que seus próprios negócios

ARTE 4.2.1

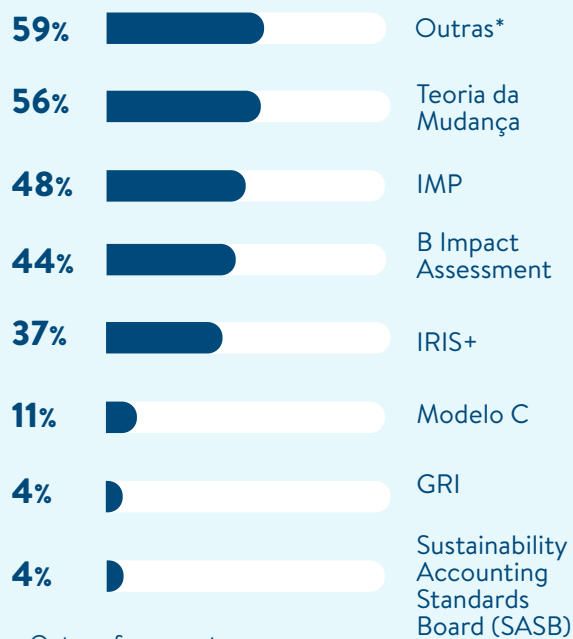
Estão medindo impacto social e/ou ambiental dos negócios investidos

base 38



Como medem impacto

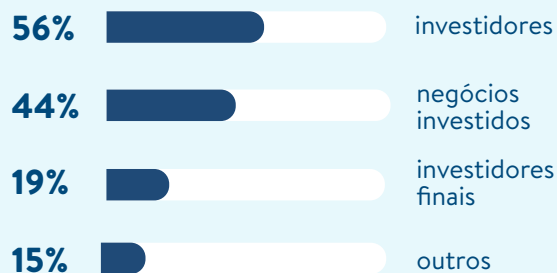
base 27



* Outras: ferramentas próprias ou menos conhecidas

Quem contribui para pagar pelo acompanhamento de impacto desses negócios

base 27





investidos arcam com parte desses custos, e 4 em cada 10 investidores colaboram nesse processo. Entre os sediados no exterior, a lógica se inverte, 2 de 10 têm seus negócios arcando com os custos e 8 em 10 ajudam a pagar a conta.

Os 15% que marcaram a opção “outra” têm sede no Brasil e trazem outras alternativas para o pagamento desses custos como o acompanhamento voluntário de suas investidas feito pela academia e/ou patrocínio de institutos e fundações.

• Equidade (Arte 4.2.2)

Desde 2019, a ANDE definiu igualdade de gênero como um de seus temas prioritários, e, nos últimos dois anos, produziu conhecimento, disponibilizou mais de US\$ 2 milhões por meio de editais e apoiou diversas organizações a avançarem em suas políticas de equidade internas e externas,

inclusive investidores. No questionário, foram solicitadas aos investidores informações relativas a seus times, conselhos e suas práticas de investimento à luz desse tema.

A maioria dos respondentes declarou ainda não coletar ou não ter acesso a dados relativos à composição do conselho (25 de 38 em gênero; e 22 de 33 em raça ou cor) e liderança das investidas (21 de 34 gênero; e 18 de 30 raça). Isso nos mostra um grande desafio de equidade do setor comprovado não apenas pela falta de coleta desses dados como, também, pelo número muito pequeno de conselheiros (2 de 53); e líderes negros reportados (18 de 124).

A questão de equidade de gênero na liderança dos respondentes aparece um pouco menos desigual, com 83 mulheres e 104 homens de 187 lideranças. Já nas investidas, o *gap* é maior – 40 mulheres e 182 homens nas lideranças –, o que se alinha à falta de acesso de mulheres empreendedoras a capital evidenciada pela ANDE em diversos programas e estudos. Por último, os conselhos dos investidores aparecem ainda com composições muito desiguais em termos de gênero (19 mulheres e 65 homens de um total de 84 conselheiros).

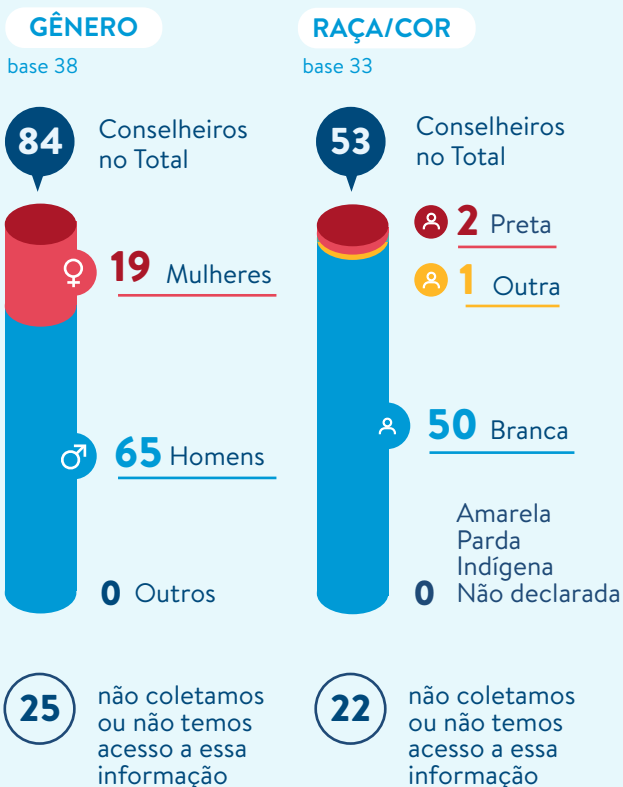
O desafio da diversidade racial parece ser maior não só para contratações, mas, também, dentre os conselheiros, as lideranças das organizações e as lideranças dos negócios. De 53 conselheiros, 50 são de raça ou cor branca. De 146 lideranças nas organizações investidoras, 136 são brancas; 5 são pardas; e 5, amarelas. Por fim, dos 124 líderes de negócios de impacto, 105 são de raça ou cor branca; 10, de raça ou cor preta; 8 pardos; e um é de cor amarela. A proporção de mulheres e homens é mais equilibrada na composição das lideranças do que a proporção de brancos em relação às raças e cor preta, parda, amarela e indígena.

Quando se trata de políticas de investimento, filtros de equidade de gênero ou racial ficam ainda menos recorrentes. No geral, 55% dos 38 investidores não têm esse tipo de políticas implementadas em suas análises de investimentos. Dentre os que têm, o maior volume, 40%, trabalha equidade de gênero nas lideranças dos negócios dos portfólios.

ARTE 4.2.2

EQUIDADE

Perfil dos conselhos de administração da organização





ARTE 4.2.2 (CONTINUAÇÃO)

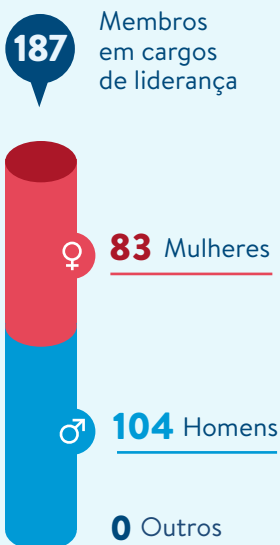
EQUIDADE

Perfil das lideranças nas organizações respondentes

(cargos equivalentes ou superiores hierarquicamente ao cargo de gerente)

GÊNERO

base 38



RAÇA/COR

base 33



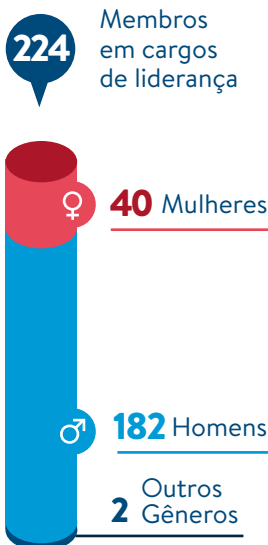
10 não coletamos ou não temos acesso a essa informação

10 não coletamos ou não temos acesso a essa informação

Perfil das lideranças à frente dos negócios investidos

GÊNERO

base 34



RAÇA/COR

base 30

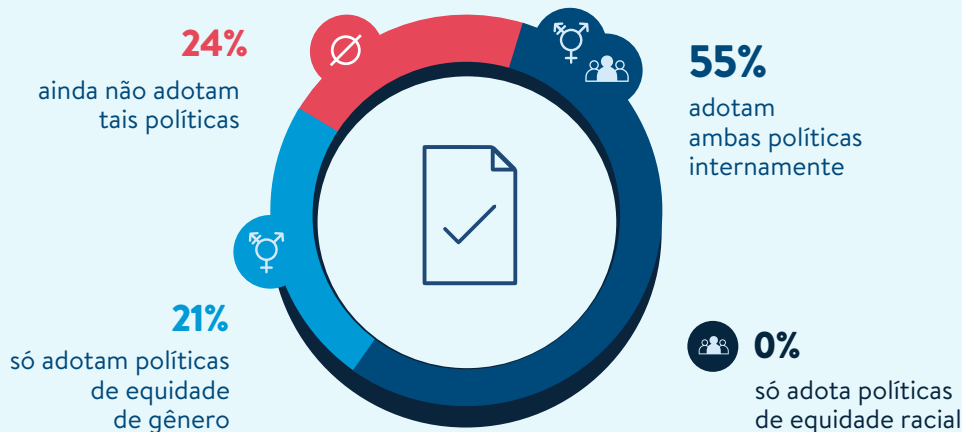


21 não coletamos ou não temos acesso a essa informação

18 não coletamos ou não temos acesso a essa informação

Adoção de políticas de equidade de gênero ou de equidade racial em seus processos de contratação de equipe interna

base 38





ARTE 4.2.2 (CONTINUAÇÃO)

EQUIDADE

PERGUNTA ABERTA

? Quais as políticas mais usadas

Entre os 14 investidores que já caminham na direção de políticas de equidade de gênero e racial, os exemplos mais citados como políticas praticadas são ações de comunicação inclusiva na divulgação de vagas, assim como a divulgação e o acesso a essas oportunidades em meios e veículos que alcancem um público mais diverso.



“Vagas afirmativas, redução de critérios naturalmente excludentes como inglês.”

• Investidor respondente



“Atração e seleção sem vieses e divulgação de vagas em comunidades diversas.”

• Investidor respondente



“Linguagem e comunicação inclusiva na divulgação de oportunidades.”

• Investidor respondente



“Honorários de prestação de serviço: equidade de remuneração na mesma função e área para todas as pessoas da equipe.”

• Investidor respondente

Adoção de políticas de equidade de gênero ou equidade racial no processo de escolha de negócios e empreendedores a serem investidos

base 38

55%

ainda não têm políticas de investimentos para esses temas



40%

têm políticas de investimento em negócios liderados por mulheres e outros gêneros



21%

têm políticas de investimento em negócios liderados por empreendedores de raça ou cor não branca



18%

têm políticas de investimento em negócios com soluções que impactam as questões de gênero no Brasil



18%

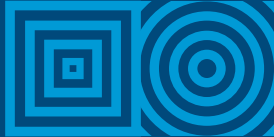
têm políticas de investimento em negócios com soluções que impactam as questões de raça ou cor no Brasil



• Clima (Arte 4.3.2)

A partir de questionamentos construídos em co-operação com o CDP – Disclosure Insight Action, organização sem fins lucrativos especializada na temática climática, buscamos entender a aderência ao tema entre os investidores de impacto do país. No geral, 45% ainda não fazem gestão de riscos e

oportunidades climáticas para o portfólio de investimentos, mas gostariam de fazer. Já 31% não fazem e não têm intenção de fazer no futuro. Dos investidores sediados no Brasil, apenas 1 em cada 10 respondentes faz essa gestão. A maioria que já realiza este tipo de análise se concentra entre os investidores com sede no exterior, sendo 6 dos 9 respondentes totais que realizam essa gestão.



“Enquanto nas economias avançadas a transição para uma economia de baixo carbono representa custos adicionais, no Brasil temos uma oportunidade única com a transição para alavancar investimentos, retomar o crescimento e gerar empregos e renda de qualidade. Precisamos incluir ‘clima’ no planejamento público e privado, redirecionar investimentos para os setores de baixa emissão e alinhar regulação financeira e tributária, mitigando riscos relacionados ao clima, otimizando o aproveitamento das oportunidades da Onda Verde.”

Gustavo Pinheiro

Instituto Clima e Sociedade

O mesmo caso se repete na análise de emissões de gases de efeito estufa associadas ao portfólio de investimento. No geral, 46% ainda não calculam, mas pretendem calcular em dois anos. Outros 35% não acham necessário calcular a pegada de carbono do portfólio. O único investidor que já calcula as emissões de todo o portfólio tem sede no exterior.

Do total de investidores, 38% já trabalham o engajamento das investidas na pauta das mudanças climáticas. Entre os exemplos citados por eles em respostas abertas, estão iniciativas como: avaliações ESG dos negócios e certificação B; incentivos ao uso de crédito de carbono; foco em carbono zero e monitoramento da pegada ecológica. A maioria dos investidores com sede no exterior, 6 dos 10, já trabalha essa pauta; no Brasil, 3 em cada 10.

Interessante pontuar uma diferença entre os investidores sediados no Brasil e os sediados no exterior: para todas as perguntas de impacto, os brasileiros mais frequentemente apresentam respostas como “não faço, mas tenho intenção de fazer”, “não calculo a pegada, mas tenho intenção no futuro” etc. Já os investidores com sede no exterior nunca se posicionam com “não faço, mas tenho intenção” e são mais taxativos ao dizer que ou não fazem e não têm intenção de aplicar determinadas práticas ou que já o fazem.

ARTE 4.3.2

CLIMA

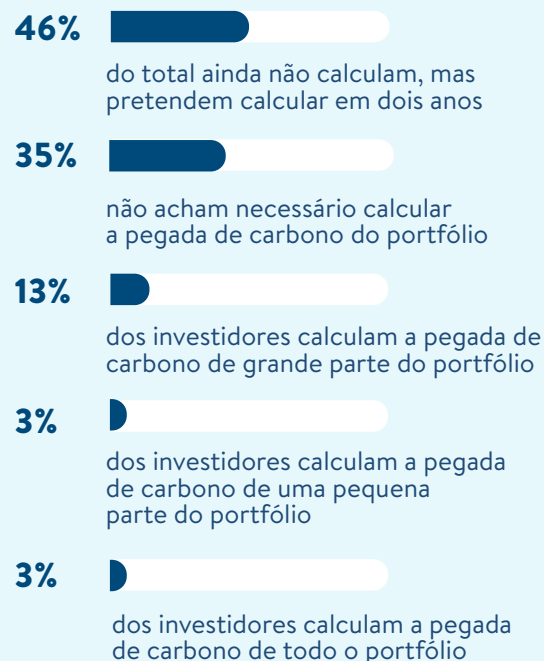
Gestão dos riscos e das oportunidades climáticas para o portfólio de investimentos

base 38



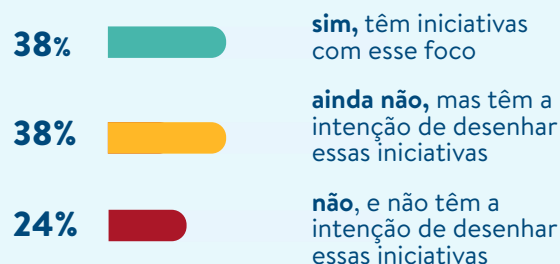
Emissões de gases de efeito estufa associadas ao portfólio de investimento

base 37



Engajamento com as investidas para questões relacionadas às mudanças climáticas

base 37





4.3 Perfil de captação (Arte 4.3.1)

Buscamos entender como os investidores estão captando recursos, a origem do dinheiro e o perfil dos investidores finais que se interessam por negócios de impacto no Brasil.

No geral, a maioria (76%) dos investidores capta seus recursos de terceiros, especialmente de investidores do próprio país, dos Estados Unidos e da Europa. Entre os respondentes sediados no país — além de quase a totalidade captar localmente, e 3 em cada 10 nos Estados Unidos e Canadá —, não há captações no Oriente Médio, Norte da África e Sul da Ásia. Já os investidores sediados no exterior, 5 dos 10 também captam no Brasil, sendo que para Esta-

dos Unidos e Canadá e para Europa e Ásia Central, a frequência de captação cresce (8 dos 10 ou 6 dos 10). No Brasil, o volume de investidores locais que captam recursos de terceiros sobe para 8 em cada 10, no exterior, há mais equilíbrio entre os dois perfis.

Nesta amostra, vemos a maior frequência de captação de recursos dos investidores sediados no Brasil com indivíduos de alto patrimônio líquido e *family offices*, 7 em cada 10; e 4 em cada 10, respectivamente. Dentre os investidores estrangeiros há mais diversidade de perfis na captação: 4 dos 10 captam com bancos/instituições financeiras, bancos de desenvolvimento/fomento/multilaterais, fundos de fundos e indivíduos de alto patrimônio líquido.

ARTE 4.3.1

AMOSTRA

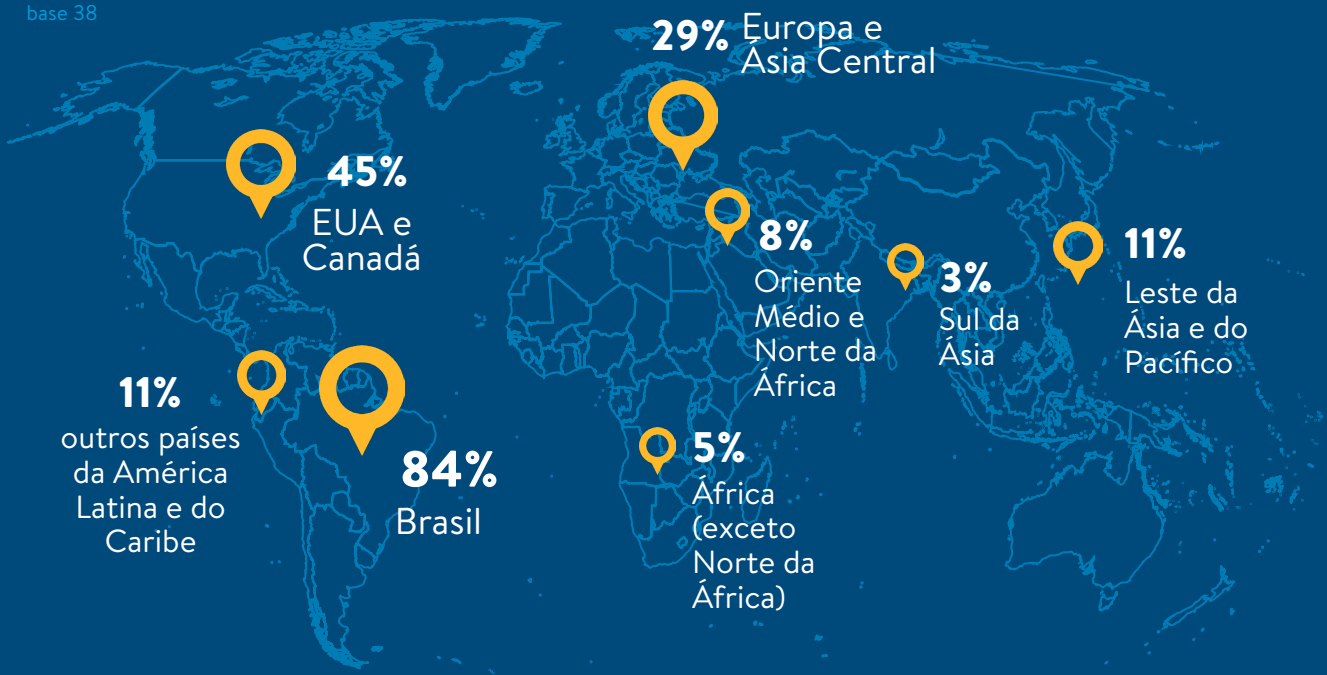
Origens do capital para investimento (AUM) gerido pela organização

base 38



Por Regiões

base 38

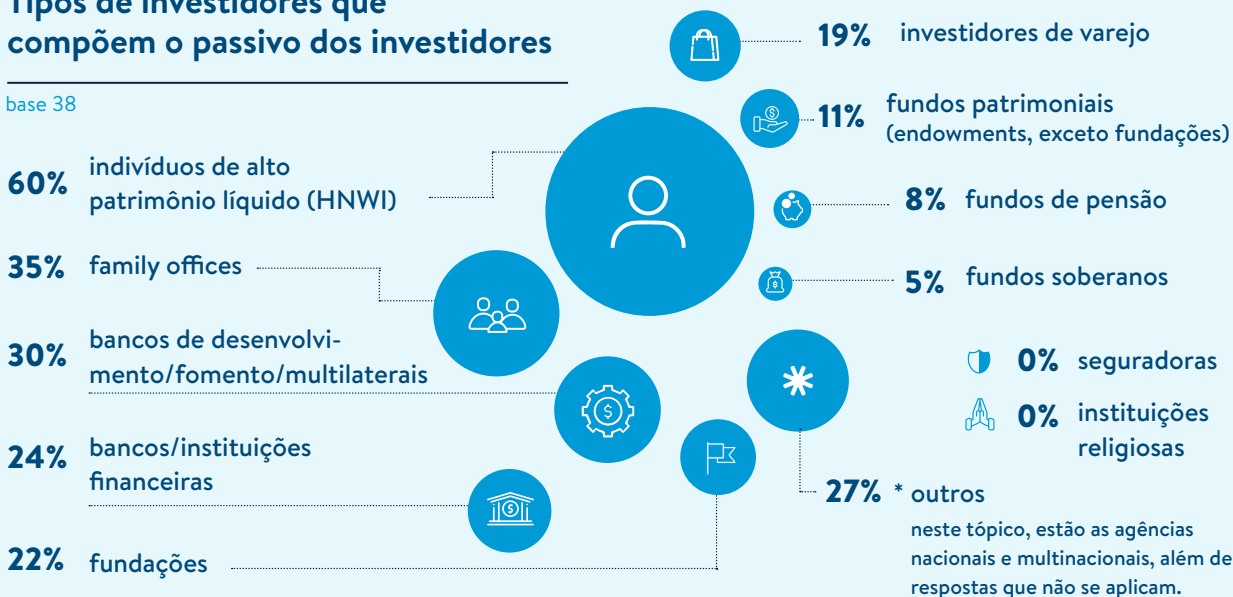




ARTE 4.3.1 (CONTINUAÇÃO)

Tipos de investidores que compõem o passivo dos investidores

base 38



• Intenção (Arte 4.3.2)

O perfil dos investidores que atuam no país é de uma maioria que entende o mercado de negócios de impacto como uma oportunidade de investimento em inovação e impacto com retorno financeiro. Há uma tendência clara (82%) em pontuar os recursos de seus investidores finais para investimento e não filantropia, especialmente na amostra de investidores com sede no Brasil. Na pesquisa, 9 em cada 10 investidores locais gerem somente recursos que visam ao retorno financeiro. Entre os com sede no exterior, o número cai para 6 dos 10.

Seguindo a mesma visão, os investidores, em sua maioria, lançam mão de práticas do mercado tradicional de investimento. Fazem cobrança de taxas de performance (57%) para a totalidade ou parte dos investimentos, conforme seus retornos superem determinados referenciais, especialmente IPCA+6%. As taxas de performance costumam ser de 20%, como é comum no mercado de fundos de investimento de varejo no Brasil, por exemplo. A informação separada entre Brasil e exterior explicita

essa visão nacional – 7 em cada 10 investidores sediados no país praticam taxas de performance para alguns ou todos os investimentos. Dos estrangeiros, 3 dos 10 praticam para todos os seus investimentos e nenhum opera com cobranças para apenas alguns de seus investimentos.

No que diz respeito ao retorno-alvo dos investimentos, há uma divisão equilibrada entre os investidores que têm um retorno-alvo claro e os que não têm. Entre os sediados no Brasil, 6 em cada 10 investidores apresentam esse retorno. No exterior, 5 de 10. Dos que apresentam o retorno-alvo, novamente há uma divisão equilibrada entre os que praticam taxas de mercado buscando TIRs entre 20% e 30% a.a. e os que focam no retorno do principal aportado, visando à preservação do capital.

Interessante perceber que a pergunta aberta sobre motivação desses investidores finais, que disponibilizam seus recursos para investimentos, também apresenta esse equilíbrio entre um capital que busca retorno, sempre alinhado ao impacto, e um desejo de experimentar inovação em conjunto com impacto socioambiental.

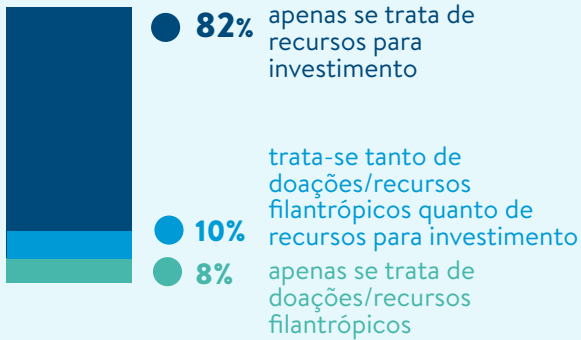


ARTE 4.3.2

INTENÇÃO

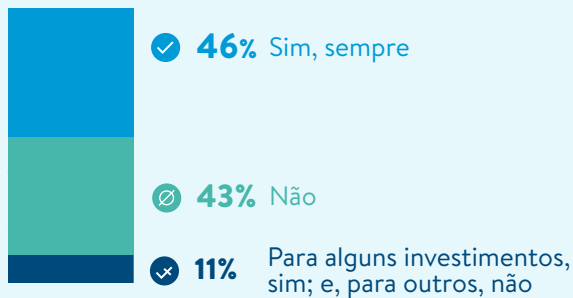
Intenção de retorno dos investidores que disponibilizam o capital para investimento gerido pela organização

base 38



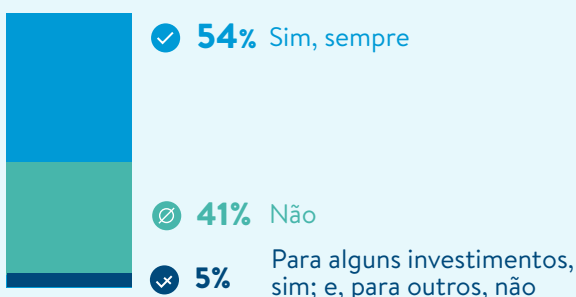
A organização cobra taxas de performance conforme os retornos de seus investimentos superem determinados referenciais (benchmarks)

base 38



A organização apresenta aos investidores um retorno-alvo para sua carteira de investimentos

base 37



PERGUNTAS ABERTAS

% Taxa cobrada

A maioria cobra taxa de performance quando o investimento supera IPCA+6% e a taxa mais trabalhada é de 20%

↶ Retorno Alvo

Entre os investidores que declararam r etorno-alvo, a maior parte se divide em: busca de TIRs entre 20% e 30% a.a. e retorno do investimento principal aportado, visando à preservação do capital.

♥ Motivação

A principal motivação dos investidores finais que aportam recursos a serem geridos pelos respondentes é a **ressignificação do sucesso na alocação de capital**, ou seja, a visão do retorno financeiro aliada a um impacto socioambiental positivo.



“Possibilidade de retorno financeiro alinhado a externalidades positivas geradas à sociedade.”

• Investidor respondente



“A essência é gerar impacto socioambiental positivo, ressignificando sucesso na alocação de capital.”

• Investidor respondente



“Inovação, impacto social, retorno.”

• Investidor respondente



“Alinhamento de propósito e visão de futuro.”

• Investidor respondente



5 Investimentos

Os 38 investidores que tinham investimentos em negócios de impacto, em 2020, responderam a perguntas sobre suas intenções de investimentos, seus volumes de negócios (*deals* e *exits*) nos últimos três anos e a composição de seus portfólios, em 31 de dezembro de 2020, com três recortes: setores dos negócios investidos, estágios e mecanismos financeiros. A combinação desses dados nos permite uma fotografia da composição da carteira agregada dos investidores do setor de impacto nacional, assim como comparações entre seus objetivos e as carteiras que, de fato, administram.

Abaixo os dados e os aprendizados deste estudo em relação ao que buscam os investidores e como investem.

5.1 O que buscam

Os investidores foram instados de duas formas a responder sobre suas intenções de investimento em relação aos setores: utilizando a composição de setores conforme os relatórios internacionais do GIIN e a composição construída pelos atores de impacto brasileiros e utilizada nos mais recentes relatórios da Pipe.Labo (incluindo o Mapa de Investimentos de Impacto 2021, publicado em abril de 2021).

• Setores priorizados (Arte 5.1.1)

Na primeira quebra, saúde é o mais citado, com 2/3 dos investidores apontando interesse em negócios desse setor. Em seguida, aparecem

educação, para 58%, e alimentos e agricultura, e biodiversidade e conservação de ecossistemas, despertando interesse de metade dos respondentes (50%, ambos). A ordem de prioridades dos investidores com sede no Brasil é similar à amostra geral (o que é explicado, em parte, por sua predominância entre os respondentes). Os com sede no exterior dão um peso maior a serviços financeiros (6 em 10) e relativamente menor à saúde (4 em 10).

Quando os investidores são divididos entre aqueles que buscam retornos de mercado ajustados ao risco (27 dos 38) e aqueles dispostos a obterem retornos menores (11 dos 38), aparecem diferenças curiosas. Primeiro, os setores de energia, serviços financeiros e saúde têm mais frequentemente interessados no grupo de retornos de mercado, com diferenças de cerca de 30 pontos percentuais. Já os de retorno abaixo (próximos aos de mercado ou à preservação do capital) têm maior interesse em manufatura (3 em 11 contra 1 em 10 do outro grupo).

Quando apresentam suas intenções de investimentos dentro da taxonomia nacional utilizada pela Pipe.Labo, o tópico tecnologias verdes está na liderança de interesses, o que pode ser explicado pelo fato de haver na lista anterior, de setor macro de investimento, maior diversidade de opções relativas aos temas ambientais. Aqui estão agregados em tecnologias verdes (energia, biodiversidade e conservação de ecossistemas; alimentos e agricultura; e parte de água, saneamento e higiene).

Os 27 investidores com interesse em tecnologias verdes responderam a uma pergunta adicional, com os subsetores de impacto ambiental. A tipologia adotada para estes sete setores da vertical *green tech* foi obtida a partir do estudo *A Onda Verde* (Pipe.Labo & Climate Ventures) e, também,



a partir do conteúdo da publicação Não Perca Esse Bond - Ativos e projetos elegíveis à emissão de Títulos Verdes em setores-chave da economia brasileira (iCS & Sitawi). Aqui, a gestão de resíduos

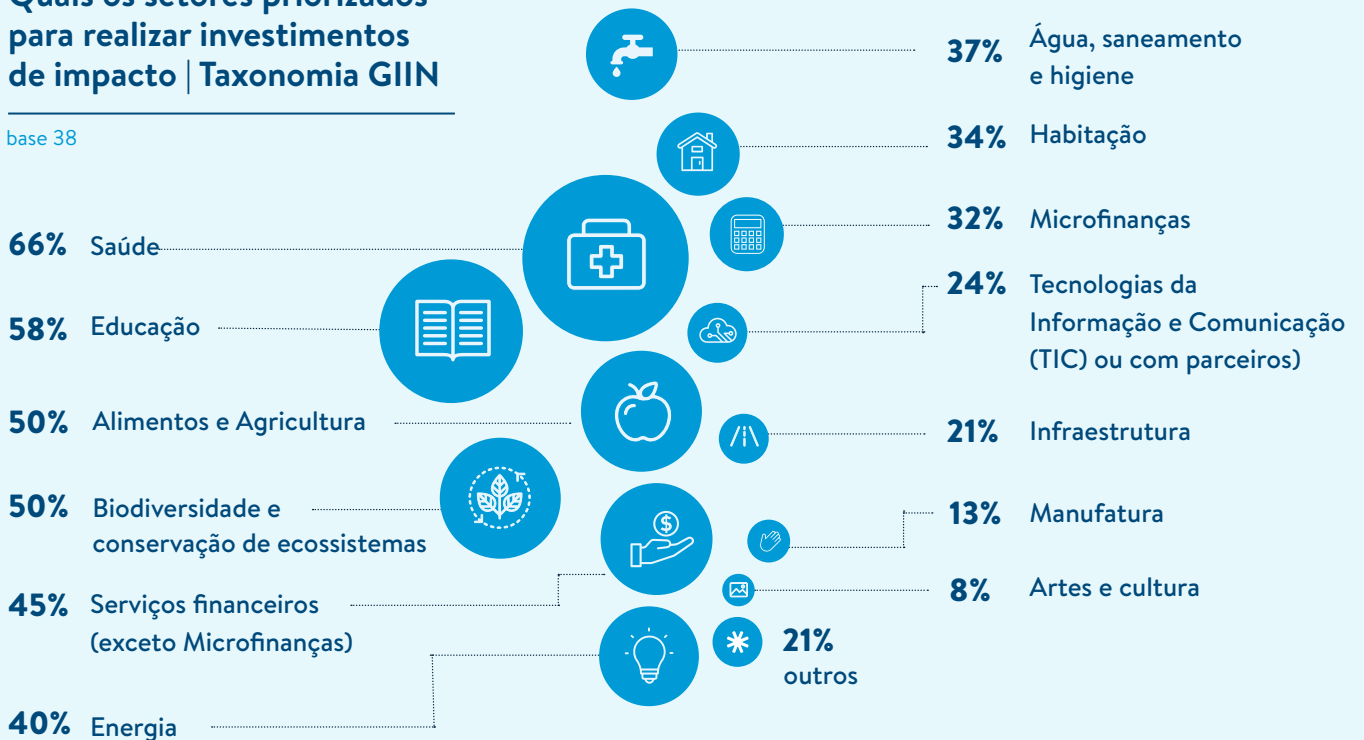
(79%) lidera com folga, como tem sido nos mais recentes estudos realizados também sobre negócios de impacto no país. Em seguida, vêm agropecuária (61%); e florestas e uso do solo (57%).

ARTE 5.1.1

SETORES PRIORIZADOS

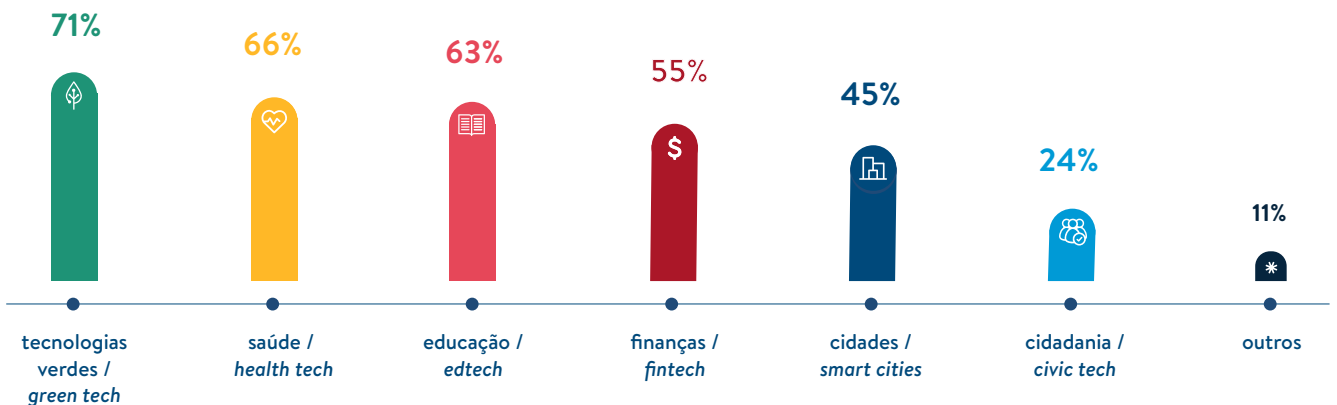
Quais os setores priorizados para realizar investimentos de impacto | Taxonomia GIIN

base 38



Usando a taxonomia nacional utilizada no Mapa 2021 dos negócios de impacto, da Pipe.Labo, eles visam a:

base 38





ARTE 5.1.1 (CONTINUAÇÃO)

Intenções dentro do setor de tecnologias verdes / green tech:

base 27



• Onde buscam investimentos, estágios e mecanismos (Arte 5.1.2)

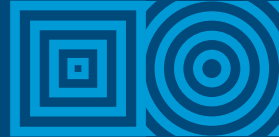
Os investidores se apoiam fortemente em suas redes para a busca de oportunidades de investimentos, com indicações de parceiros e investimentos liderando as fontes de oportunidades. No total, 2/3 já trabalham com equipes próprias de *hunting*, indicando um ganho de profissionalização do setor.

Nos recortes de estágios buscados, Semente (500k a 5M), Estágio de *Venture* (5M a 20M) e Escala *Growth* (20M a 50M) têm maior procura, com 61%, 58% e 42%, respectivamente, das intenções. O mercado de grandes empresas atrai menor interesse, com 13% olhando para empresas maduras de capital fechado e somente 3% para as de capital aberto. No ecossistema brasileiro de impacto, ainda não há consenso sobre a existência de empresas maduras de capital aberto ou que

não se configurem como negócios de impacto, especialmente entre soluções ambientais.

Dentre os investidores com sede no exterior, 9 em 10 buscam negócios em Estágio de *Venture* (5M a 20M), contra 5 em 10 dos locais. Quando analisados os dados, comparando-se retornos buscados, os que aceitam retornos abaixo dos de mercado têm maior interesse em estágios iniciais do que o restante da amostra, o que se alinha a uma eventual maior disposição a risco ou intenções de fomento do ecossistema.

Por fim, os dados de instrumentos financeiros trazem um maior interesse geral por participação acionária e dívida conversível do que por dívidas simples. A ordem de prioridades se inverte no grupo que busca retornos abaixo de mercado, mais frequentemente optando por investir via dívida (7 em 11). Mais estrangeiros optam por dívida (6 dos 10) do que investidores brasileiros (3 em cada 10).

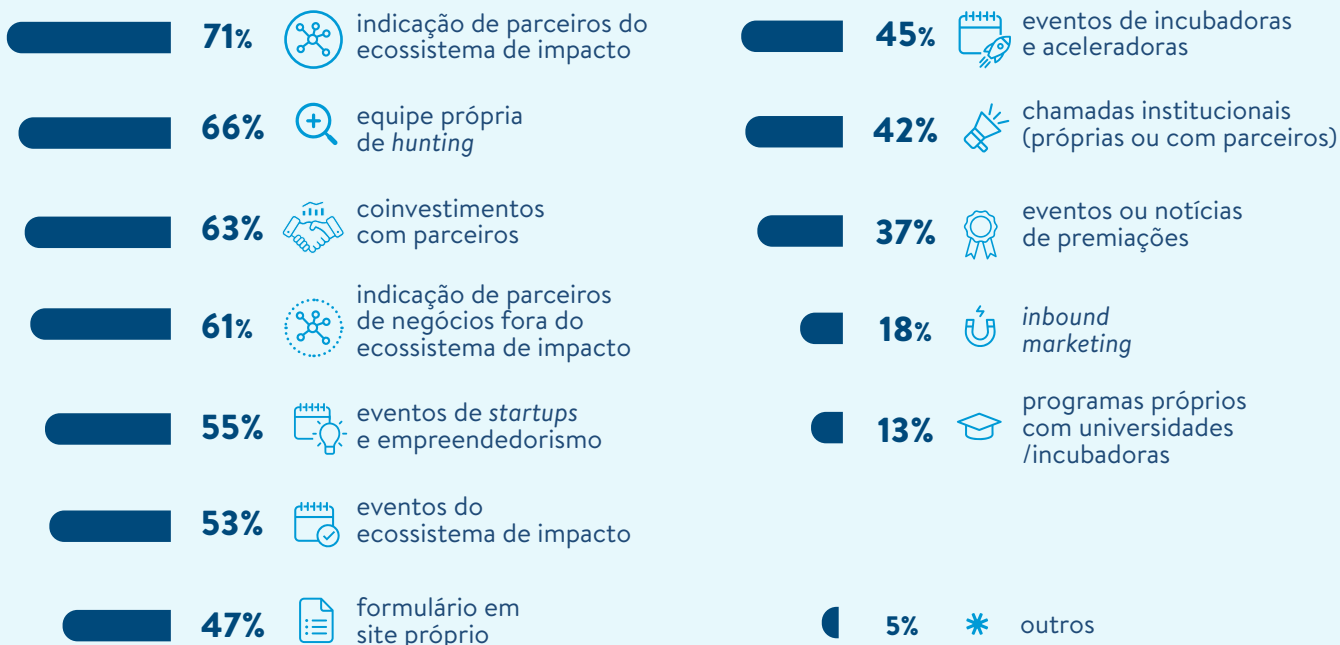


ARTE 5.1.2

ONDE BUSCAM INVESTIMENTOS, ESTÁGIOS E MECANISMOS

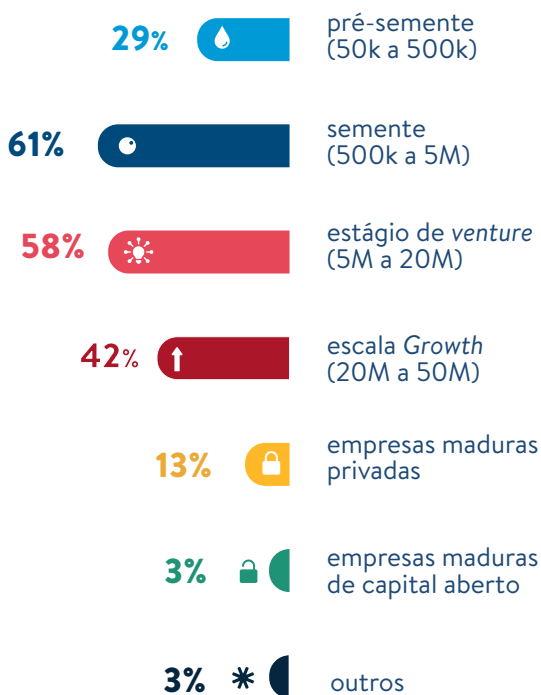
Onde buscam suas investidas

base 38



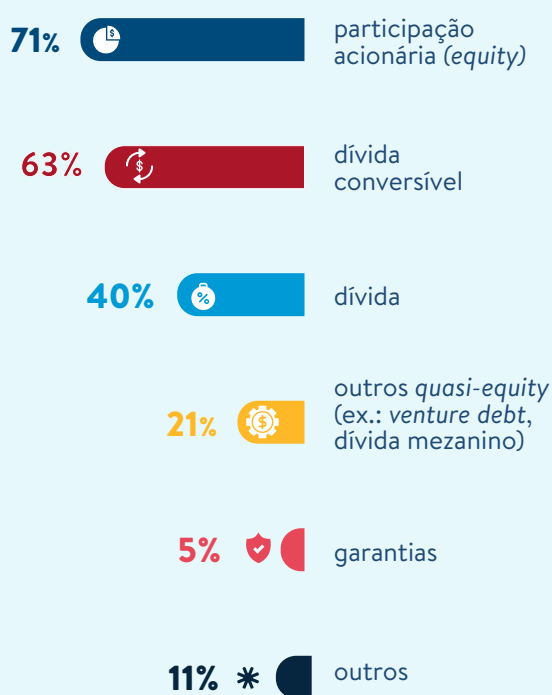
Estágios de negócio que procuram

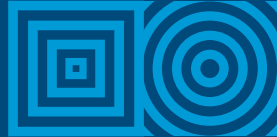
base 38



Instrumentos financeiros que têm a intenção de usar para investir

base 38





5.2 Como investem

Os dados referentes às composições das carteiras de investimentos foram obtidos em forma de porcentagem, com cada investidor apontando, por exemplo, o percentual de sua carteira em empresas de saúde, *fintechs* e daí em diante. As tabelas abaixo apresentam, de um lado, a frequência com que cada setor, mecanismo ou estágio aparecia na composição das carteiras dos investidores. De outro, vemos o que seria a carteira do setor, em que agregamos todo o montante investido por todos os investidores em cada item, tendo assim uma visão do percentual do total dos ativos sob gestão dedicado a cada setor, mecanismo e estágio.

Como visto no retrato geral desta pesquisa, optamos por separar os respondentes em *outliers* e investidores. Refletindo a natureza do microcrédito, cabe lembrar que as carteiras dos *outliers* se apresentaram compostas por 99% no setor de finanças/*fintech*; 99% de dívida; e 99% em outros estágios, dados que não utilizam, em sua maioria, a mesma visão de estágios de negócios em seus investimentos. Assim, os dados abaixo são aqueles referentes aos demais investidores.

Nesta seção, incluímos também comparações de nossos achados com os dados apresentados na 10ª edição do *Annual Impact Investor Survey*, publicado em junho de 2020, pelo Global Impact Investing Network (GIIN). Por fim, apresentamos uma comparação com os dados das pesquisas anteriores realizadas pela ANDE e uma visão dos últimos três anos com base na coleta de dados desta atual pesquisa.

• Frequência X Ativos sob gestão investidos (Arte 5.2.1)

Olhando a comparação entre frequência e ativos sob gestão (AUM) investidos na quebra por setores, salta aos olhos a concentração do capital disponível em tecnologias verdes (43%), que consta em 61% das carteiras. Educação, saúde e finanças aparecem com frequências similares, mas educação concentra somente 4% dos ativos sob gestão, enquanto saúde e finanças têm 15% e 12%, respectivamente, do capital investido.

Dentro de tecnologias verdes, o grande destaque está na fatia de 22% de todos os ativos sob gestão investidos em impacto e que é destinada a negócios de energia e biocombustíveis. Entre os mecanismos, a maior diferença está entre a frequência de uso de dívidas conversíveis e sua participação na composição dos ativos sob gestão. Essa diferença pode ser explicada pelos estágios em que os mecanismos são utilizados: dívidas conversíveis são convertidas em participações acionárias quando os negócios atingem determinados objetivos de crescimento, sendo, portanto, compreensíveis que os montantes dedicados para os primeiros estágios, via dívida conversível, sejam menores que as participações diretas adquiridas em estágios mais avançados.

O destaque dos estágios está no fato de que, embora somente 6% dos respondentes (dois investidores) tenham investimentos em empresas maduras privadas, elas representam 36% da carteira total do setor.



“Na Vinci, desde o início do fundo de impacto, tivemos essa preocupação de que não houvesse trade-off entre impacto e retorno, e que tivéssemos clareza no nosso mandato. Para nós, o impacto passa por investir em regiões menos desenvolvidas ou em empresas com baixo acesso a capital e conhecimento, sendo sócios de empreendedores que acreditam em ter retorno financeiro e gerar um impacto positivo na sociedade. Combinamos um plano de impacto: definir, medir e acompanhar precisa ser parte da estratégia e da governança da companhia. Estamos olhando negócios que vêm crescendo, que possam receber tíquetes de investimento entre 50 e 120 milhões de reais, com a gente sendo minoritário. Não fazemos VC, olhamos negócios com 10 a 20 anos. Não temos dificuldade em fazer investimentos dentro da estratégia e princípios do fundo. Focamos nos setores de Saúde, Varejo e Serviços B2B. Mas percebemos algumas teses que ainda precisam de mais maturidade de pipeline, como no caso de consultorias de ESG/impacto, negócios de saúde para baixa-renda, classes C e D (conseguimos investir em negócios que olham para classe C, no máximo) e ainda, soluções de microcrédito (há um desafio de tamanho dos negócios no Brasil, o país ainda microcrédito é menos desenvolvido do que outros na América Latina).”

Pepe Pano, sócio da Vinci Partners

ARTE 5.2.1

FREQUÊNCIA X ATIVOS SOB GESTÃO INVESTIDOS

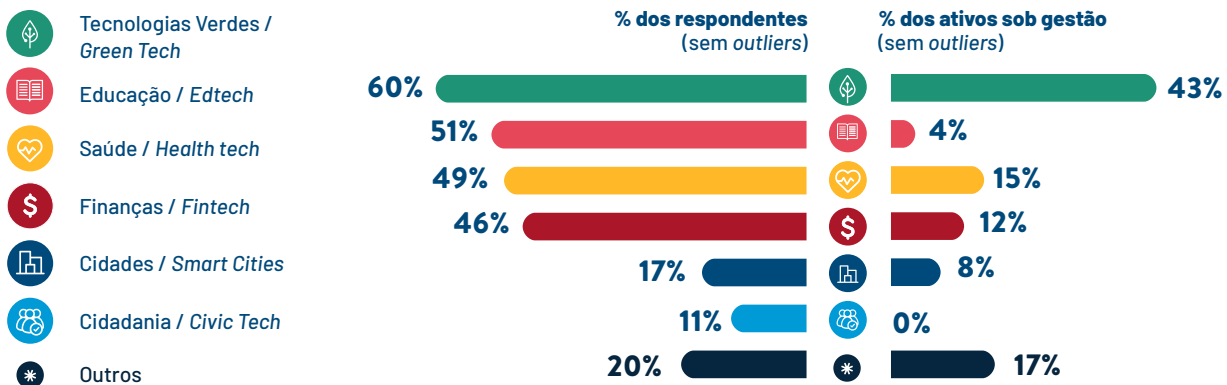
O montante total de ativos sob gestão para investimentos de impacto no Brasil, em 2020

base 35

ATIVOS SOB GESTÃO • TOTAL •	ATIVOS SOB GESTÃO SEM OUTLIERS	ATIVOS SOB GESTÃO DOS OUTLIERS
R\$ 11.500.171.697,97 ou US\$ \$ 2.212.975.741,16	R\$ 4.418.554.242,97 e US\$ 850.261.509,78	R\$ 7.081.617.455,00 e US\$ 1.362.714.231,37

Frequência de presença X participação dos setores nos portfólios

bases: Respondentes = 32; AUM = R\$ 4.418.554.242,97



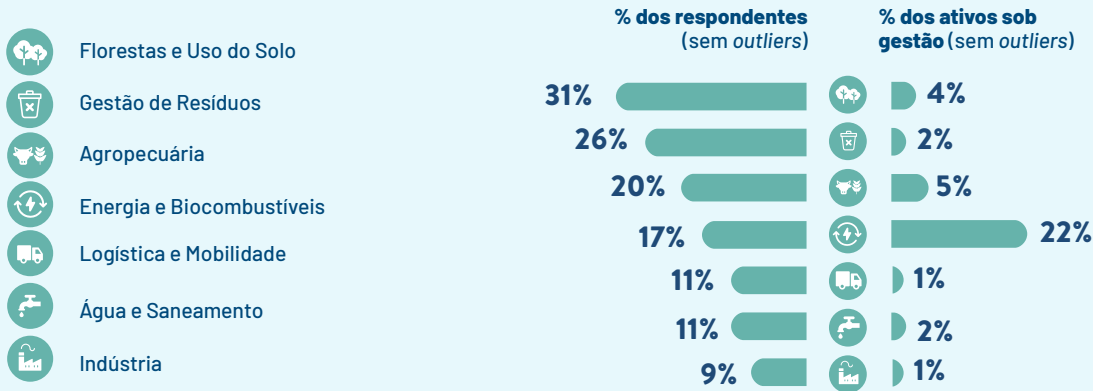


ARTE 5.2.1 (CONTINUAÇÃO)



Frequência de presença X participação dos subsetores de tecnologias verdes nos portfólios

Nota:



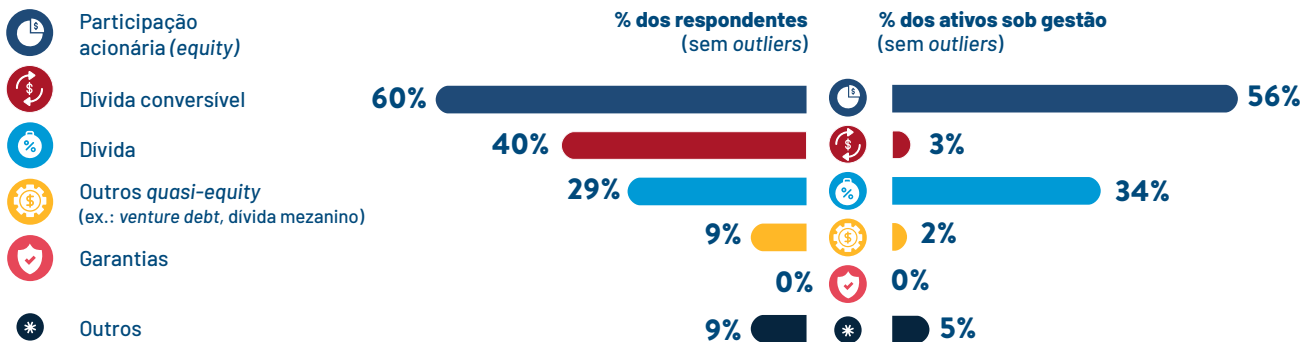
Vinte investidores informaram a composição de suas carteiras dentre os subsetores de tecnologias verdes. Juntos, eles investiram R\$ 1.596.752.176,09 nesses subsetores.

Coluna da esquerda: foi calculada em relação aos 35 investidores (sem os outliers).

Coluna da direita: foi calculada em relação ao total de ativos sob gestão sem outliers, R\$ 4.418.554.242,97.

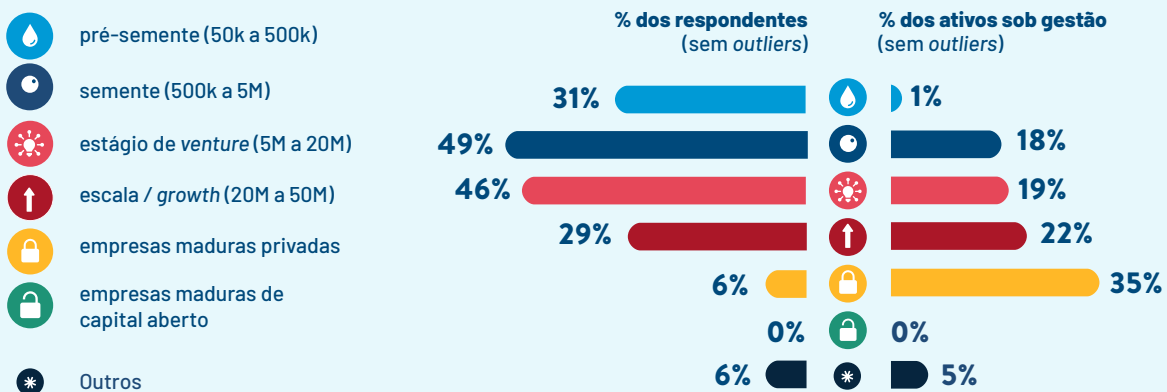
Frequência de presença X participação dos instrumentos nos portfólios

base: 32



Frequência de presença X participação dos estágios dos negócios nos portfólios

base: 32





• Comparações com dados globais (Arte 5.2.2)

Abaixo, comparamos os dados desta pesquisa com aqueles apresentados na 10ª edição do *Annual Impact Investor Survey*, publicado em junho de 2020 pelo Global Impact Investing Network (GIIN).

A grande diferença está na presença (e, no caso do Brasil, na ausência) de investimentos em empresas de capital aberto. Embora os dados de 5.1 indiquem um pequeno interesse nesse estágio pelos investidores que responderam a essa pesquisa

(3%), na composição de suas carteiras esse tipo de investimento não existe, ao passo que se trata de 31% das alocações mapeadas pelo GIIN presentes nas carteiras de 15% dos seus respondentes.

Essa diferença implica também em algumas considerações: o GIIN pode ter em parte do seu portfólio mapeado empresas de capital aberto que seriam potencialmente consideradas ESG por investidores brasileiros e não necessariamente negócios de impacto. Por outro lado, há uma discussão interna que poderia considerar algumas das empresas de capital aberto nacionais como negócios de impacto.

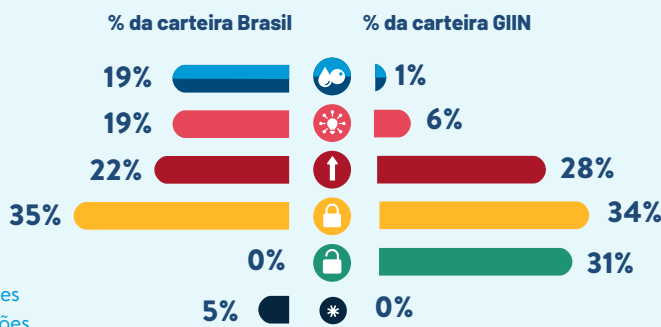


“Já há diversos negócios maduros no país com foco em energias renováveis, água e resíduos sólidos etc. Muitos deles já são listados em bolsa e recebem investimentos de diversas fontes. Alguns têm o potencial de serem considerados negócios de impacto e já há uma discussão a respeito disso dentro do ecossistema local. Uma mudança na visão em relação a isso teria impacto significativo nos dados Brasil, uma vez que esses setores movimentam bilhões de reais em investimentos.”

Beto Scretas, ICE

ARTE 5.2.2

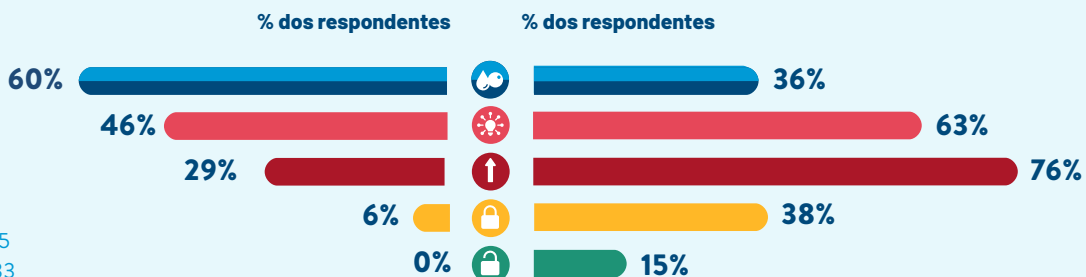
Estágios que investem Brasil (sem outliers) X Mundo GIIN



bases:
Brasil: AUM: R\$ 4,4 bilhões
GIIN: AUM: USD 105 bilhões

Estágios de negócio

- pré-semente e semente (5k a 5M)
- estágio de venture (5M a 20M)
- escala / growth (20M a 50M)
- empresas maduras privadas
- empresas maduras de capital aberto
- Outros



bases:
Brasil: 35
GIIN: 233



• Histórico da Pesquisa (Arte 5.2.3)

Nesta atual coleta de dados, 35 investidores apontaram deter, ao fim de 2020, R\$ 11,5 bilhões. Excluindo-se os *outliers*, temos R\$ 4,4 bilhões de 32 investidores. Também foram mapeados, somente em 2020, 183 investimentos (*deals*) realizados por 30 investidores, totalizando R\$ 990 milhões (ou R\$ 13,1 bilhões, se incluídos os *outliers*).

Os dados anteriores de ativos sob gestão Brasil, do relatório *Investimentos de Impacto na América Latina: Tendências 2018 & 2019*, da ANDE, apresentam um valor de US\$ 785 milhões. Não usamos esse dado como base para evolução de mercado já que se trata de amostras distintas (anteriormente, tive-

mos 28 respondentes informando seus ativos sob gestão). Por isso, neste estudo, foram solicitados aos respondentes dados de investimentos referentes aos dois anos anteriores (2018 e 2019), de forma separada, para buscar compreender a evolução do mercado. As perguntas não eram obrigatórias, já que parte dos investidores poderia não ter ativos sob gestão nos anos anteriores. Com uma base de 15 investidores (incluindo um *outlier*) fornecendo essas informações detalhadas, conseguimos calcular um crescimento do volume de ativos sob gestão de 39% ao ano, desde 2018. Excluindo-se o *outlier*, temos um crescimento mais modesto, de 12% ao ano.

Os dados de *deals* e *exits* foram considerados insuficientes para uma análise histórica.

ARTE 5.2.3

Ativos sob gestão no Brasil em 2018, 2019 e 2020

	OUTLIERS	INVESTIDORES	TOTAL
Ativos sob gestão 2020 em reais	7.021,435, 645.00	1.180,847, 861.00	8.202,283, 506.00
Ativos sob gestão 2019 em reais	4.747,353, 727.00	1.078,070, 093.60	5.825,423, 820.60
Ativos sob gestão 2018 em reais	3.276,945, 072.00	944.650.581,00	4.221.595.653,00

Nota: Foram considerados somente os ativos sob gestão de 15 investidores (sendo um *outlier*) que informaram seu AUM nos três anos indicados. Os demais investidores somente reportaram seu AUM no fim do ano de 2020.



6 Tendências

Os dados deste relatório foram coletados durante o ano de 2021, quando o mundo estava imerso na pandemia da covid-19. Portanto, tornou-se inevitável compreender como a crise de saúde afetou os investimentos no ano de 2020 e as decisões de aportes. Buscamos também entender como estavam as visões de futuro desses investidores, suas expectativas e preocupações para o terceiro ano de crise, 2022.

Além disso, analisando os dados e as expectativas de futuro dos respondentes, assim como comparando os resultados do ano de 2020 com estudos anteriores – da ANDE (*Investimentos de Impacto na América Latina: Tendências 2018 & 2019*), dados do mercado brasileiro de negócios de impacto da Pipe Labo (Mapa 2021 e Mapa Ambiental 2021) e dados internacionais do GIIN (*2020 Annual Impact Investor Survey*) –, conseguimos apontar *gaps* e oportunidades de mercado que podem ser considerados pelo ecossistema de impacto em seus planejamentos estratégicos, nas rodadas de captação e no fomento ao setor.

6.1 Impactos da pandemia (Arte 6.1.1)

Entre as principais consequências da pandemia nos investimentos de impacto no Brasil, em 2020, estiveram a necessidade de renegociar termos de investimentos anteriores (34%); o cancelamento dos planos de investimento (21%); e o aumento da captação de recursos (13%). Especialmente entre

os investidores brasileiros, houve mais diversidade de impactos percebidos. Eles apontaram, em respostas abertas, principalmente o desafio dos negócios de impacto investidos de cumprirem as metas para o ano, assim como manterem suas operações durante a crise. Os investidores com sede no exterior concentram quase a totalidade dos impactos sentidos em: renegociações de termos de investimento, aumento do número de operações, cancelamento de planos de investimento e mudanças nas políticas de investimento e áreas priorizadas.

Entre as preocupações para o ano de 2022, o destaque, para a maioria dos investidores (53%), vai para as condições macroeconômicas do país e do mundo. Investidores com sede no exterior se concentram também nas preocupações com as incertezas políticas do país (5 de 10). Já os brasileiros adicionam ao topo da lista receios com a captação e o volume de capital disponível para o ano (6 em cada 10) e o desenvolvimento de pipeline e novas oportunidades de investimento (4 em cada 10).

Para a maioria da amostra, o principal obstáculo para que seus investidores optem por adquirirem investimentos de impacto em suas carteiras está no retorno do investimento (seja ele superior ou equivalente ao capital principal aportado). Há, especialmente para os brasileiros, uma preocupação com a construção de mais *cases* de retorno (*exits*). O mercado ainda é nascente, jovem, o que dificulta o volume de saídas, especialmente para investidores que operam tíquetes maiores, para negócios mais maduros. Além disso, alguns investidores ainda enxergam a necessidade de informar melhor os investidores finais sobre o mercado de negócios de impacto. E, claro, como visto nos blocos anteriores, mensurar impacto para empreendimentos em *early stage* ainda é custoso e complexo.



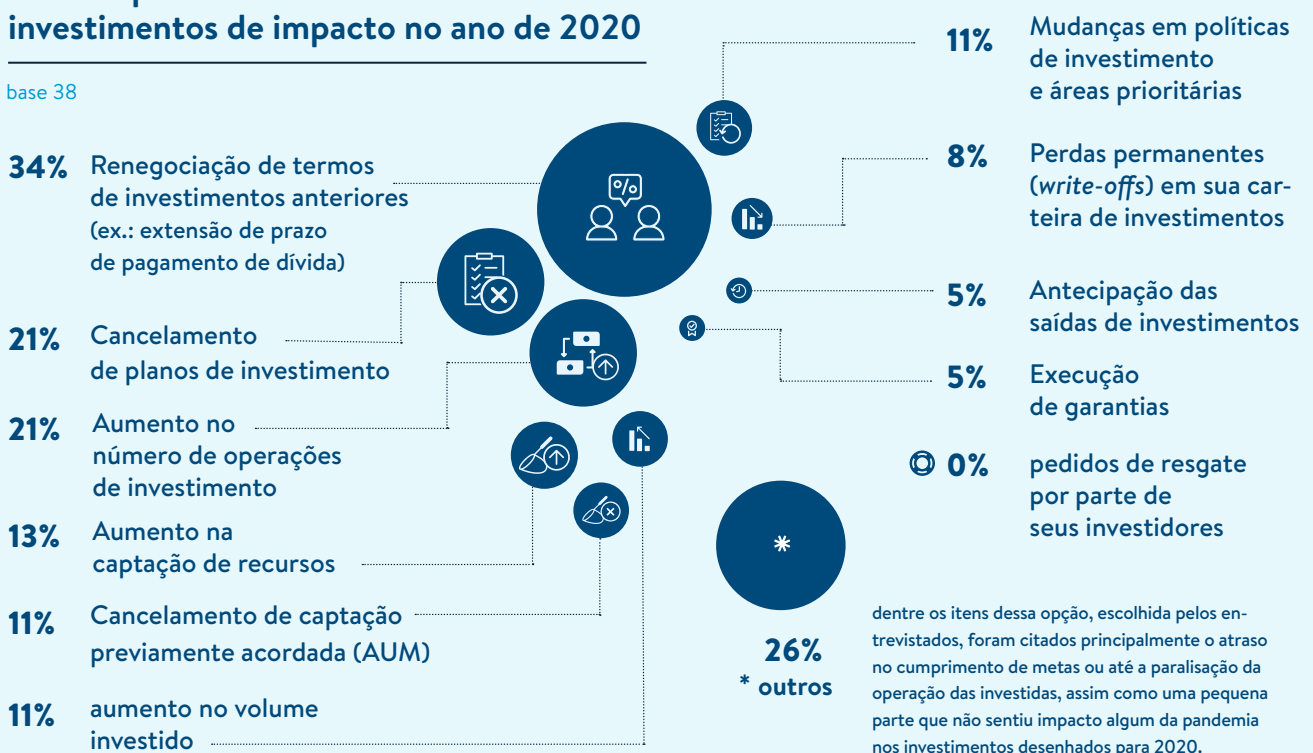
“Quando começamos a Wright Capital, combinamos com os clientes que pelo menos 1% do patrimônio seria investido em fundos de Impacto Social. Seguiríamos na direção da experimentação de um capitalismo mais consciente e humano, e o 1% se devia ao fato que na época só havia dois fundos no mercado que ainda estava começando no Brasil. Nos tornamos ativistas provocando famílias, gestores, investidores institucionais, membros do governo e reguladores a uma reflexão sobre como alinhar capitais a valores e objetivos de vida – gerando assim mais do que retorno financeiro, gerando legado. Com o tempo e com essa consciência, olhamos para o restante do portfólio e vimos que com as mudanças no planeta, climáticas ou sociais, estávamos correndo riscos ou deixando oportunidades de lado. Aprendemos sobre o uso de critérios ASG, restrição de portfólios em ativos tóxicos, investimentos de impacto nas mais diversas classes de ativos, a abordagem do Venture Philanthropy e a importância dos capitais customizados (tailored financing) e dos intermediários. Nos envolvemos mais uma vez em inúmeras ações de advocacy e filantropia. Hoje, 7 anos depois, o veículo de impacto tem um retorno acumulado de 95% (absoluto) contra um CDI acumulado de 44% no mesmo período (12/04/2016 – 30/11/2021). E o mais importante é que impactamos positivamente a vida de milhões de pessoas. Os clientes já aumentaram suas alocações, alguns para 4% do patrimônio. Segundo o filósofo grego Aristóteles, a felicidade é o fim último de um ser humano com base na sua ética e por meio de seus hábitos cotidianos. A virtude, excelência moral, surge a partir da ação humana, da decisão diária de praticar atos justos. Se não é praticada, o ser humano perde a disposição moral.”

Fernanda Camargo, Wright Capital

ARTE 6.1.1

Como a pandemia afetou seus investimentos de impacto no ano de 2020

base 38





ARTE 6.1.1 (CONTINUAÇÃO)

Em 2022, quais são os principais desafios que os investidores esperam enfrentar

base 38



PERGUNTAS ABERTAS

Principal obstáculo para investidores finais optarem por investimentos de impacto

Os investidores apontam, principalmente, quatro grandes desafios para a aquisição de investidores finais para negócios de impacto:

- O maior deles é o retorno do investimento.
- Pouco histórico de mercado, cases.
- Mensuração de impacto.
- Desinformação sobre o mercado de negócios de impacto.

“Desconhecimento e falta de acesso à informação.”

• Investidor respondente

“Possibilidade de o negócio não ser voltado para um retorno financeiro positivo.”

• Investidor respondente

“Escassez de capital e incerteza sobre resultado.”

• Investidor respondente

“Histórico e track record da indústria”

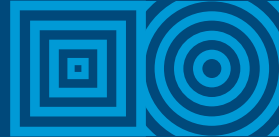
• Investidor respondente

“As métricas de avaliação são complexas e dificultam a compreensão da regra do jogo aliado aos riscos do retorno.”

• Investidor respondente

“Há ainda uma falsa concepção de que existe dualidade entre impacto positivo e retornos financeiros atrativos — os investidores acreditam que é necessário optar por um dos caminhos (impacto vs. retorno) ao fazer investimentos de impacto. Além disso, como a indústria de fundos de investimento de impacto no Brasil ainda é muito recente, os investidores ficam receosos em investir em gestoras que sejam relativamente ‘novas’. Ainda não há track record relevante de fundos de impacto em nosso país.”

• Investidor respondente



ARTE 6.1.1 (CONTINUAÇÃO)

PERGUNTAS ABERTAS

Os principais desafios de mensuração de impacto

Os investidores apontam a complexidade da mensuração de impacto com qualidade como o principal desafio, que pode ser quebrado em quatro aspectos:

- Metodologias claras que correlacionam ação e resultado.
- Capacidade e custos de monitoramento.
- Maturidade dos negócios.
- Diversidade de produtos/serviços.



“Dificuldade de acesso aos dados e de estabelecimento de correlação entre resultado e ação.”

- Investidor respondente



“Capacidade e custos de acompanhar e metrificar o impacto que é realizado.”

- Investidor respondente



“Comparabilidade entre as empresas investidas devido a diferentes graus de maturidade da empresa e diversidade de produtos/serviços oferecidos.”

- Investidor respondente



“Complexidade metodológica, especialmente em termos de relação causal das ações e dos impactos.”

- Investidor respondente



“Maturidade dos negócios para mensuração e metodologias complexas.”

- Investidor respondente

6.2 Oportunidades de Mercado

Em mais um exercício de comparar os dados de desejo de investimento versus portfólio atual, ou ainda, observando o desejo de captação dos investidores para o futuro e a oferta de negócios de impacto no Brasil, conseguimos observar alguns *gaps* de mercado que podem orientar algumas visões e alguns planejamentos para o setor e até apontar oportunidades para os empreendedores do *pipeline*.

• Oferta e demanda (Arte 6.2.1)

Apesar da preocupação com a captação de investimentos, que aparece entre os principais receios dos investidores para o futuro, especialmente entre os brasileiros, como analisados no bloco 6.1, a previsão é positiva quanto ao crescimento no volume de recursos disponíveis para investi-

mentos de impacto. Os investidores, excluindo-se os *outliers*, apontaram esperar captar R\$ 1,7 bilhão em 2021, o que representaria um crescimento de 39% em relação aos R\$ 4,4 bilhões em ativos sob gestão em 2020.

Para 2021, essa expectativa tende a ser bem próxima da realidade, uma vez que esses dados foram coletados durante o segundo semestre de 2021, quando os investidores já tinham uma visão bem mais realista do volume que seria captado para o ano. Uma excelente notícia que reforça o crescimento do setor.

Além do volume de captação, é possível perceber ainda oportunidades de acessar diferentes bolsos de recursos, muitos ainda pouco explorados por investidores de impacto no Brasil. No comparativo



com o relatório do GIIN 2020, observamos fontes de recursos que fora do país ocupam maior papel no mercado. Especialmente fundações, seguradoras e fundos de pensão parecem não ser ou serem subutilizados como fontes de recursos aqui.

Fundos de pensão se configuram como alguns dos maiores investidores do país em todas as suas áreas de atuação, com cerca de R\$ 2,3 trilhões em ativos sob gestão. A baixa presença no mercado de impacto pode ter relação com a

necessidade, por parte desses investidores, de investir com tíquetes maiores, dados seus altos volumes de ativos sob gestão.

Especialmente no caso dos institutos e das fundações, é importante registrar que a legislação brasileira não é tão favorável para que essas organizações façam investimentos diretos em negócios de impacto. Por isso, por aqui, há um movimento de se criar mecanismos que possam viabilizar os apoios financeiros a esse tipo de empreendedores.



“Aqui na Fundação Grupo Boticário de Proteção à Natureza, nos últimos anos, estamos atuando mais diretamente com negócios de impacto, buscando fortalecer o conceito e ampliar o número de negócios que geram impacto positivo para a conservação da natureza. A abordagem que temos experimentado é a Venture Philanthropy, um caminho que pode ajudar mais fundações e institutos a contribuírem com o volume de recursos para o setor e a endereçar essa oportunidade apontada pelo estudo da ANDE. Temos explorado esse tema em três frentes. 1) via pesquisas e novos estudos junto com parceiros, como, por exemplo, o relatório sobre caminhos inovadores e estratégicos para se fazer filantropia no país, desenvolvido pela Rockefeller Philanthropy Advisors. 2) Em campo, também temos trabalhado por meio de um programa de aceleração, o Natureza Empreendedora, apoiando o desenvolvimento de negócios de impacto que contribuem para a conservação da biodiversidade. 3) Além disso, apoiamos a criação de instrumentos financeiros baseados em empréstimos coletivos para negócios de impacto socioambiental positivo, que fazem uso de capital filantrópico para sua estruturação e como garantia para as operações de crédito peer-to-peer. Há bons aprendizados a serem compartilhados com o ecossistema nesse sentido.”

Guilherme Karam, gerente de Economia da Biodiversidade da Fundação Grupo Boticário



“Podemos dizer que a Venture Philanthropy é um passo anterior ao Investimento de Impacto. É uma abordagem que combina o uso de um capital mais paciente, com maior apetite ao risco e que tem o impacto social como prioridade. Por isso, estamos falando de um investimento com grande potencial de validar soluções, estimular inovação social e alavancar recursos. Investidores dispostos a assumir este risco são chave para o fortalecimento e consolidação de negócios em estágios mais iniciais.”

Greta Salvi, Diretora do Brasil da Latimpacto



• Setores (Arte 6.2.1)

Dentre os setores de interesse, como vimos, tecnologias verdes, lideradas pelos mercados de gestão de resíduos e agropecuária, são as maiores demandas dos investidores. Há, ainda, mais demanda por soluções nesse sentido do que a presença efetiva nas carteiras de investimento (71% vs. 61%). Um setor aquecido e que veio dominando o mapa nacional de negócios de impacto nas duas últimas edições (de acordo com o último mapeamento de 2021, 49% dos negócios de impacto no país se identificam com esta vertical) e que é também a menina dos olhos dos investidores estrangeiros no Brasil, como vimos no bloco 5.

Além disso, é importante pontuar que é bem diverso e distribuído o desejo de investimento em impacto, potencialmente mais diverso do que os perfis de negócios do mercado que esses recursos encontram. Aqui, salta aos olhos o apetite frustrado dos investidores de ter em seu portfólio mais soluções voltadas às cidades/*smart cities*, já que 45% gostariam de investir neste setor, mas só 18% o fazem. Por outro lado, o desafio de modelos de negócios B2G para startups em *early stage* pode ser uma hipótese que explica o menor desejo por investimento em *civic techs/govtechs* (24%) e o menor volume de investidas no portfólio (11%).

Outro desencontro relevante de demanda para investimento versus realidade atual de portfólio são soluções de saúde: 66% desejam investir no setor, mas só 47% deles têm alguma solução desse tipo em suas carteiras. Importante pontuar, novamente, que esse pode ser um reflexo da pandemia. Já a maior competição por capital entre os empreendedores pode estar nos setores de cidadania/*civic techs*. Há mais oferta (40% dos negócios mapeados em 2021 se identificam com o setor) do que procura (24% dos investidores desejam investir no setor). Importante ressaltar que além de englobar *govtechs* e modelos B2G, o setor de cidadania é uma classificação genérica escolhida por muitos negócios de impacto como uma segunda categoria de impacto quando atuam especialmente em educação e comunidades de baixa renda.

Na comparação entre setores desejados entre os investidores que investem no Brasil e o grupo global do GIIN, a maior diferença está na frequência com que biodiversidade e conservação de ecossistemas aparece na lista de desejos. Por aqui, 50% dos investidores buscam soluções nesses temas, contra 16% no global. Essa diferença se alinha à natureza dos desafios e das oportunidades de impacto do país em relação ao resto do mundo, com um enorme potencial local nesses temas.

Inclusive, as novas tecnologias que podem alavancar o potencial ambiental do Brasil foram tema do estudo da Climate Ventures e Pipe.Labo, *A Onda Verde - Oportunidades para empreender e investir com impacto ambiental positivo no Brasil*. A publicação trouxe uma matriz inédita que sintetiza 30 oportunidades de negócios em sete setores-chave desta agenda e aponta como os negócios de impacto e a consolidação de uma nova economia ambiental podem endereçar os desafios contemporâneos.

ARTE 6.2.1

Quanto esperam captar nos próximos anos

18 dos investidores (sem outliers) esperavam captar em 2021 um total de **R\$ 1.737.738.650,60**.

Crescimento esperado do volume de ativos sob gestão

base 32, com 18 investidores (sem outliers) esperando captar em 2021

	Ativos sob gestão	Investidores
2020 Reportado		R\$ 4.418.554.242,97
2021 Esperado		R\$ 6.156.292.893,57



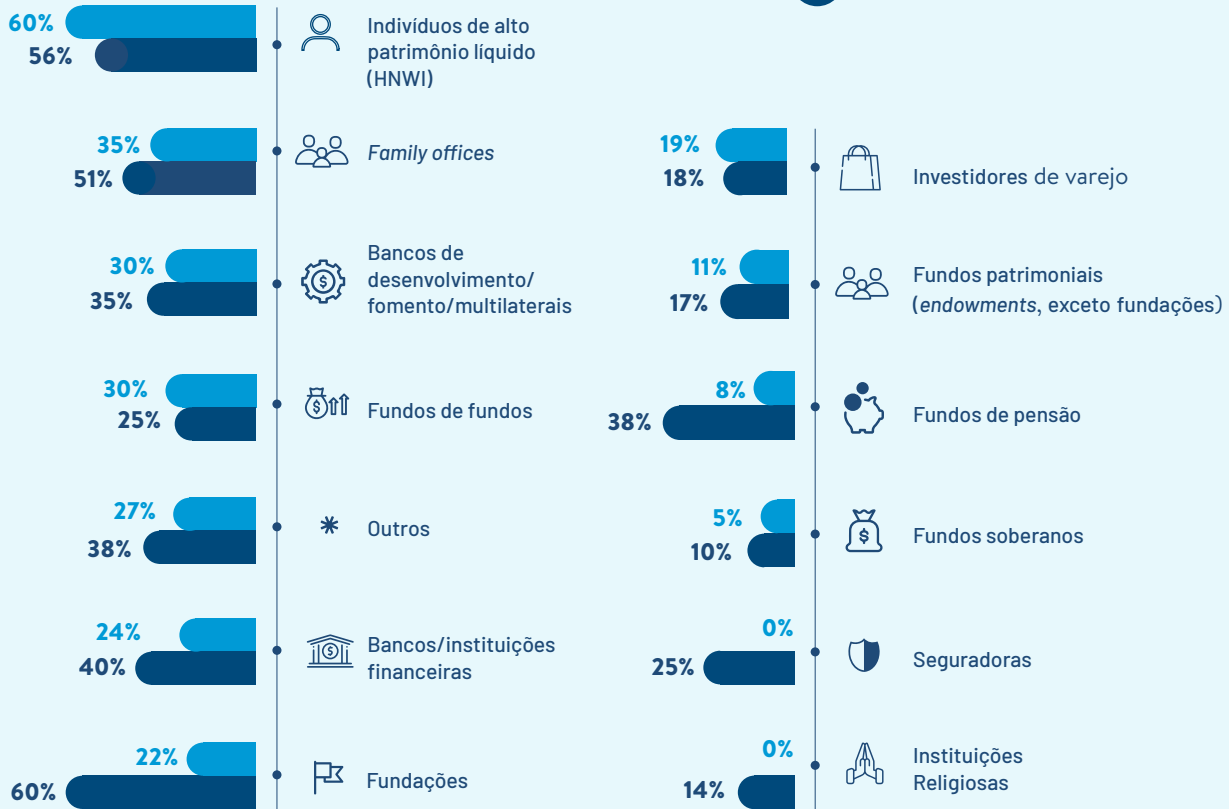
ARTE 6.2.1 (CONTINUAÇÃO)

Em que o Brasil pode diversificar a captação nos próximos anos se comparado ao mundo

bases: Brasil 38 | GIIN:186

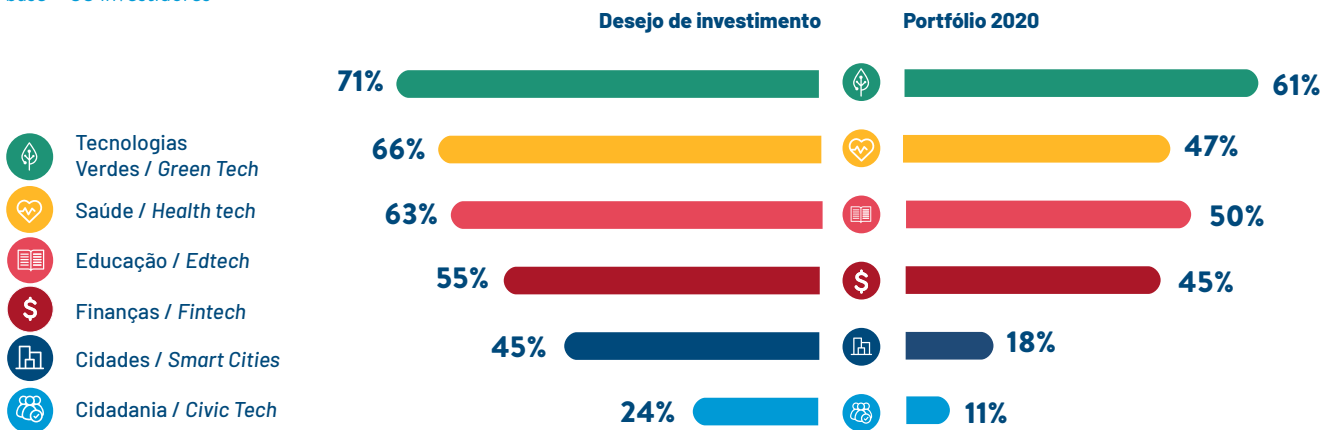
LEGENDA

-  ANDE 2020 (Brasil)
-  GIIN 2020 (Mundo)



Desejo de investimento X Presença dos setores nas carteiras

base = 38 investidores

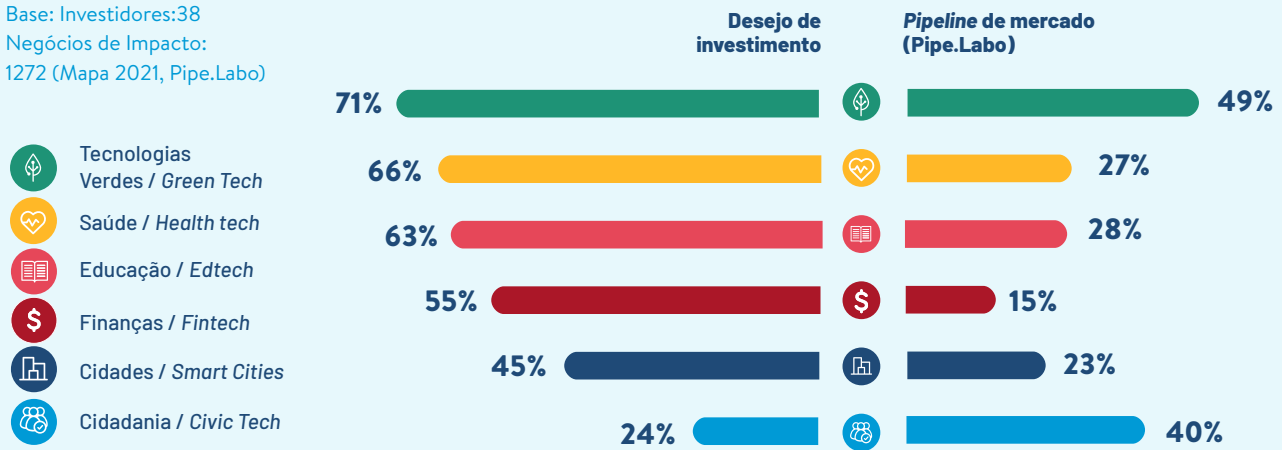




ARTE 6.2.1 (CONTINUAÇÃO)

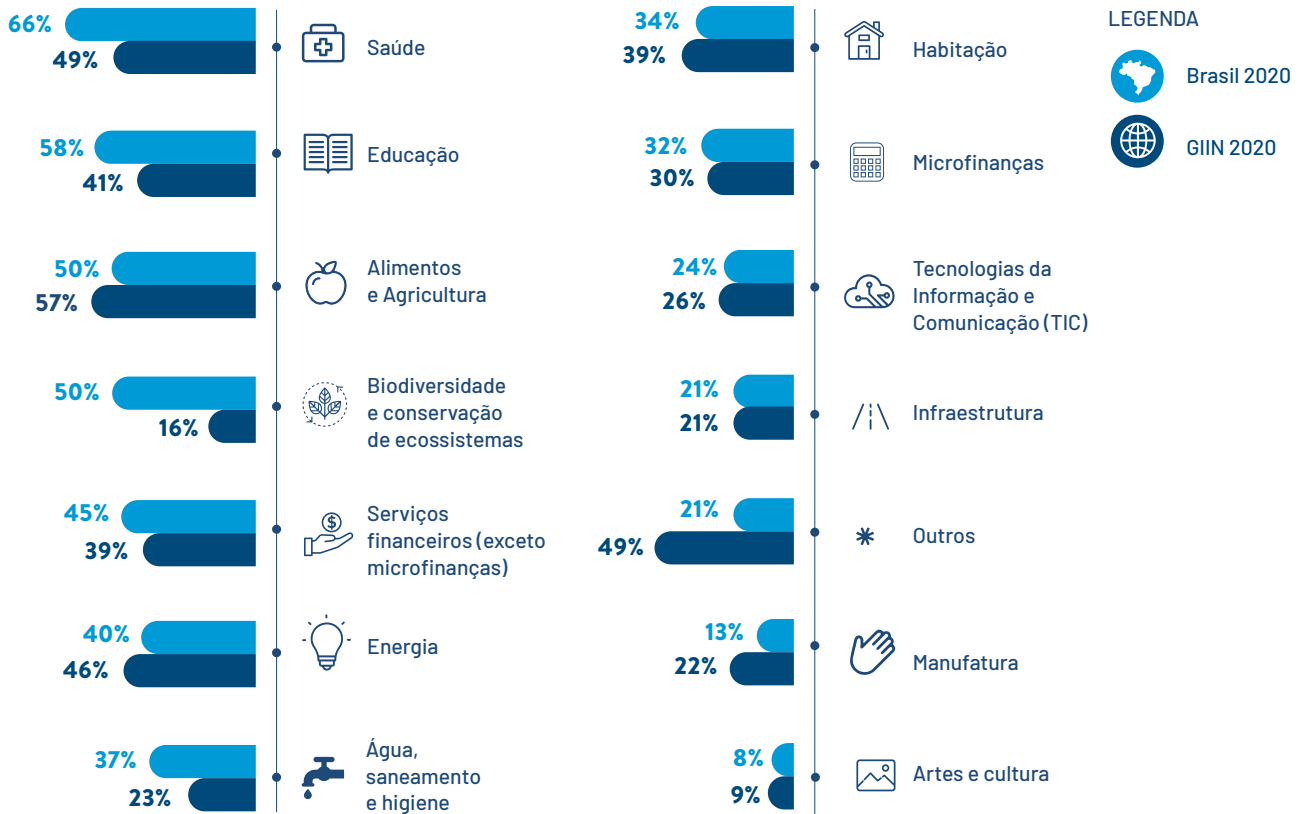
Desejo de investimento X Mercado de negócios de impacto brasileiro

Base: Investidores:38
Negócios de Impacto:
1272 (Mapa 2021, Pipe.Labo)



Desejo de investimento Brasil X Mundo

Brasil: 38
GIIN: 294





• Maturidade (Arte 6.2.2)

A análise do desejo versus realidade dos portfólios dos investidores pelo estágio dos negócios mostra um apetite frustrado por aportar tíquetes maiores nos negócios. E ocorre, especialmente, pelo estágio de desenvolvimento do *pipeline* de negócios de impacto brasileiros, como já apontado em estudos de mercados anteriores e aqui mesmo neste documento, quando analisamos os desafios atuais do ecossistema. Há mais desejo de investir em todos os estágios de semente para cima, de 500 mil reais ou mais, do que é visto nos portfólios. Sendo os tíquetes entre 20 milhões e 50 milhões os com maior disparidade.

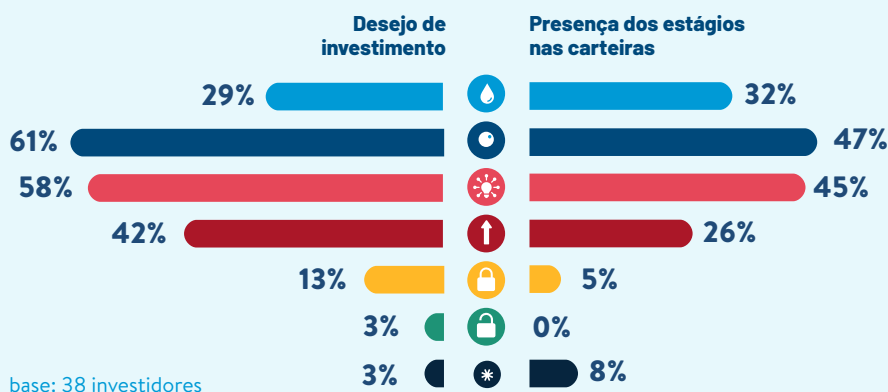
Comparando os dados deste relatório com a oferta de negócios mapeada pelo *Mapa de Negócios de Impacto 2021*, da Pipe.Labo, podemos ver uma con-

centração de demanda por parte dos investidores em tíquetes de até cinco milhões de reais. Demanda essa que é frustrada pelos negócios ainda muito jovens precisando de mais estrutura para acessar o investimento disponível. Também fica clara a demanda não atendida por negócios mais maduros para se investir, especialmente com tíquetes entre cinco e 50 milhões de reais, um desafio para o mercado jovem e ainda em fase de construção de bons cases de investimento.

Os dados aqui analisados são conhecidos do setor, mas reforçam a demanda de atores que fomentem o ecossistema, ajudando os negócios a se prepararem melhor para a captação de investimentos e, potencialmente, melhorando a formação dos empreendedores de impacto sobre os processos, termos e as lógicas por trás dos investimentos de impacto.

ARTE 6.2.2

Desejo de investimento X Presença dos estágios nas carteiras



Estágios de negócio

- pré-semente (50k a 500k)
- semente (500k a 5M)
- estágio de venture (5M a 20M)
- escala / growth (20M a 50M)
- empresas maduras privadas
- empresas maduras de capital aberto
- Outros

Estágios que procuram X Pipeline de mercado (Pipe.Labo)



bases: Investidores: 38
Negócios de Impacto: 1272
(Mapa 2021, Pipe.Labo)



7 Principais Aprendizados

1



Crescimento do Mercado

O mercado cresceu nos últimos anos, com novos investidores surgindo no país e com um aumento no volume de capital disponível para investimentos de impacto. O estudo constata um crescimento de 39% ano, entre 2018 e 2020, de investidores respondentes que tinham ativos nos últimos três anos. Sem *outliers*, temos um crescimento de 12% ao ano.

Em 2021, os investidores esperavam crescer ainda mais, especialmente no volume de captação de recursos para investimento. Uma excelente notícia para o setor. Havia uma estimativa de captação dos investidores para 2021, sem *outliers*, de R\$ 1,7 bilhão, o que significaria um crescimento de 39%.

E há, ainda, muito espaço para captar dinheiro com novas e diferentes fontes de recursos, olhando para a diversidade de bolsos que o mercado mundial busca. Em especial, fundos de pensão e seguradoras.

2



Especialização

Soluções de impacto ambiental se fortalecem como uma vocação do país, tanto na visão de fora quanto na interna dos investidores.

Os investidores de negócios de impacto no Brasil, na sua maioria – em se tratando de quantidade de respondentes, assim como em volume de ativos sob gestão –, se definem cada vez mais como investidores que unem retornos de mercado e impacto positivo. Uma visão nacional que também é refletida no conceito de negócios de impacto, que é mais específico que em outros mercados. Aqui a maioria concorda que negócios de impacto visam a modelos de negócio com retorno financeiro e que o impacto positivo precisa estar atrelado ao *core business* da solução.



3



Carteira

O mercado está preparado para investir com tíquetes maiores em negócios em estágios de venture (5M a 20M) e escala (20M a 50M), mas ainda encontra o *pipeline* muito *early stage*. Por outro lado, há pouco interesse e quase nenhuma presença em carteiras de investimentos de negócios maduros de capital aberto.

No Brasil, dentro de tecnologias verdes, a gestão de resíduos é ainda o setor com maior expectativa de investimentos e volume de negócios disponíveis (conforme dados do *Mapa de Negócios de Impacto 2021*, da Pipe.Labo). Os setores de agropecuária e florestas e uso do solo parecem ter potencial de crescimento, com grande demanda por parte dos investidores.

Além de tecnologias verdes e educação, principais setores no histórico dos investimentos de impacto, chama atenção uma demanda por soluções em saúde. Há um *gap* entre a oferta de negócios no país (*Mapa 2021*, Pipe.Labo) e o apetite dos investidores, mas há também o desafio da pandemia, que pode ter aquecido o desejo por esse tipo de solução.

O maior *gap* entre desejo de investimento e presença nos portfólios está em negócios de cidades / *smart cities* (45% contra 17%).

4



Impacto

Se mantêm como desafios do setor a complexidade metodológica e os custos para mensuração de impacto das investidas.

Talvez, pelo desafio de *pipeline*, ainda não aparecem nas políticas de investimento a incorporação dos desafios de equidade de gênero e racial. Por outro lado, essa preocupação está presente no processo de contratação por parte das organizações investidoras.

A maioria dos investidores tem intenção de incorporar ou já faz gestão dos riscos e oportunidades climáticas em seus portfólios.

5

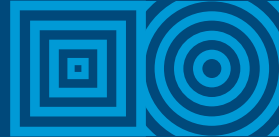


Diversidade

Há um desafio por parte dos investidores de coletar informações referentes à composição de gênero e raça ou cor de seus conselhos, de suas lideranças e das lideranças dos negócios investidos. A maioria dos respondentes não coleta ou não tinha acesso a esses dados referentes a seus conselhos e às lideranças de suas investidas.

A maior disparidade de gênero está na composição dos conselhos e das lideranças das investidas (84 conselheiros: 74 homens e 19 mulheres / 186 lideranças nas investidas conselheiros: 104 homens e 83 mulheres).

Os desafios de diversidades são acentuados quando se fala de raça ou cor em todos os grupos analisados. Raças ou cor preta, parda, amarela e indígena são ainda menos presentes que nas análises de gênero. Em conjunto, 3 de 53 conselheiros; 10 de 146 lideranças das organizações; e 28 de 124 das lideranças investidas se identificam dentre essas raças ou cor.



Referências

GIIN - GLOBAL IMPACT INVESTING NETWORK.

Annual Impact Investor Survey 2020.

Disponível em: <http://thegiin.org/assets/GIIN%20Annual%20Impact%20Investor%20Survey%202020.pdf>

Acesso em: 28 de Janeiro de 2022.

PIPE.LABO; CLIMATE VENTURES .

A Onda Verde.

Disponível em: www.aondaverde.com.br

Acesso em: 28 de Janeiro de 2022.

BANCO CENTRAL DO BRASIL.

Bases para conversões de reais para dólares americanos: conversor de Moedas.

Disponível em: www.bcb.gov.br/conversao

Acesso em: 28 de Janeiro de 2022

IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA.

Taxas médias de câmbio.

Disponível em: www.ipeadata.gov.br/ExibeSerie.aspx?serid=31924

Acesso em: 28 de Janeiro de 2022.

ANDE - ASPEN NETWORK OF DEVELOPMENT ENTREPRENEURS.

Investimentos de Impacto na América Latina: Tendências 2018 & 2019.

Disponível em: www.andeglobal.org/?action=tracking&file=2021/02/LatAm-Impact-Investing-2018-2019-PT.pdf

Acesso em: 28 de Janeiro de 2022.

PIPE.LABO.

Mapa 2021 de Negócios de Impacto Socioambiental; Mapa Ambiental 2021.

Disponíveis em: www.mapa2021.pipelabo.com e www.mapaambiental2021.pipelabo.com

Acesso em: 28 de Janeiro de 2022.

ICS & SITAWI.

Não Perca Esse Bond: ativos e projetos elegíveis à emissão de Títulos Verdes em setores-chave da economia brasileira.

Disponível em: www.sitawi.net/publicacoes/nao-perca-esse-bond/

Acesso em: 28 de Janeiro de 2022.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS.

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas: Agenda 2030.

Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>

Acesso em: 28 de Janeiro de 2022.

GIIN - GLOBAL IMPACT INVESTING NETWORK.

Sizing the Impact Investing Market.

Disponível em: thegiin.org/research/publication/impinv-market-size

Acesso em: 28 de Janeiro de 2022.



**ASPEN NETWORK
OF DEVELOPMENT
ENTREPRENEURS**

 **aspen institute**

**Para mais informações,
favor contatar:**

CECILIA ZANOTTI

Head da ANDE Brasil
cecilia.zanotti@aspeninstitute.org